

KARINE DO ROCIO VIEIRA DOS SANTOS

**FORÇAS SOCIAIS NO PARQUE CACHOEIRA EM ARAUCÁRIA - PR:
CONEXÕES ENTRE ESTRUTURA FÍSICO – ESPACIAL, CULTURA LOCAL E
FORMAS DE APROPRIAÇÃO**

**Monografia apresentada como requisito
parcial para a conclusão do Curso
Bacharelado em Educação Física, Setor de
Ciências Biológicas, Universidade Federal
do Paraná.**

**SIMONE RECHIA
ALINE TSCHOKE**

“O futuro pertence àqueles que acreditam na beleza de seus sonhos.”

Eleanor Roosevelt

Dedico este trabalho às pessoas que mais amo nesse mundo. Meus Pais: Renato e Maria, meus irmãos: Everton e Fernanda e ao meu grande amor: Adelson.

AGRADECIMENTOS

Obrigado Senhor por tudo que passei até aqui, desde os momentos mais obscuros até os mais felizes, sei que todos foram precisos para chegar aonde cheguei e para me preparar para tudo mais que virá.

Pai, Mãe obrigado pelo dom da vida, por todos os ensinamentos que recebi. Muito obrigado por todo o apoio, compreensão, carinho e gastos para que esse trabalho fosse realizado, sem vocês nada disso seria possível, Amo Vocês!

Agradeço aos meus irmãos Everton e Fernanda, pelas risadas, brigas, discussões, conversas e criações de caretas! Com vocês as horas eram mais divertidas.

Agradeço ao meu melhor amigo, companheiro e amor da minha vida, Adelson pela compreensão, carinho, paciência e sonhos em comum. Obrigado por ter feito e fazer meus dias mais felizes, Amo você meu lindo!

Agradeço à todo o GEPEC por ter proporcionado à mim reflexões que nunca pensei que poderia fazer e por todas as contribuições à minha futura ação profissional. Um muito obrigado em especial a Mariana, Thaís, Luize e a Flávia, por terem me recebido quando “caí de pára quedas” no Grupo e principalmente agradeço à Simone e a Aline, as quais posso chamar carinhosamente de Si e Ali, obrigado pela amizade, pelo imenso aprendizado e valiosa orientação deste trabalho.

Agradeços às minhas amigas Anna, Amanda e Marina, pelas risadas, conversas de corredor, almoços no R.U., trabalhos perfeitos e trabalhos de véspera e principalmente pela amizade consolidada desses quatro anos de luta.

Agradeço a todos os professores que contribuíram para minha formação, por toda o empenho e paciência nas aulas para a graduação.

Agradeço minha banca, Prof^o Serginho, Prof^a Astrid, e Prof^a Luize por ler este trabalho e pelas estimadas considerações.

Agradeço a todos que, direta ou indiretamente, contribuíam para que eu concluísse o Curso de Bacharelado em Educação Física.

RESUMO

O Parque Cachoeira é culturalmente um dos espaços públicos mais significativos do Município de Araucária – PR, no que se refere ao campo do Lazer . Sendo assim, este trabalho teve como problemática investigar quais as correlações existentes entre a estrutura físico – espacial, a cultura local e as formas de apropriação desse espaço tendo em vista que para isso seriam necessários traçar os seguintes objetivos: (1) Buscar referenciais teóricos pertinentes à temática da apropriação dos espaços públicos de lazer; (2) Mapear, de acordo com protocolo específico, o Parque Cachoeira; (3) Compreender de que forma a cultura local e a estrutura físico-espacial do Parque se relacionam com as formas de apropriação presentes neste espaço. Para alcançar os objetivos propostos foi realizada uma pesquisa qualitativa inspirada na etnografia as formas de apropriação que ocorrem no Parque em questão. Essa pesquisa ocorreu através do registro em diário de campo de 12 de observações *in loco*, entrevistas semi-estruturadas com 27 usuários do Parque, registros fotográficos dos equipamentos. Após análise dos dados obtidos foi possível apontar que a tendência da inércia social atua no Parque Cachoeira através das formas sociais: estrutura, estética, segurança, movimento, liderança e o pertencimento. Essas forças agem sobre a dinâmica da apropriação do Parque, e relacionando a estrutura físico-espacial, a cultura local e as formas de apropriação de forma que se influenciam mutuamente.

Palavras – chave: Parque Cachoeira, Araucária, apropriação.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	VISTA PANORÂMICA DO PARQUE CACHOEIRA.....	38
FIGURA 2	PARQUE DAS PONTES.....	39
FIGURA 3	ANEXO DO MUSEU TINGUI – CUERA.....	40
FIGURA 4	FESTA DO PÊSSEGO E DO OVO DE 1983.....	41
FIGURA 5	FESTA DO PÊSSEGO E DO OVO. s/d.....	42
FIGURA 6	ACADEMIA DA TERCEIRA IDADE.....	46
FIGURA 7	ÁREA DE GINÁSTICA.....	46
	VENDEDORES AMBULANTES E GRUPO DE ADOLESCENTES	
FIGURA 8	COMENDO PIPOCA E OLHANDO O MOVIMENTO.....	51
	MOVIMENTO DO PARQUE NO DOMINGO: QUADRAS DE	
FIGURA 9	CIMENTO.....	52
FIGURA 10	ESTAGIÁRIA DA SMEL EXEMPLO DE LIDERANÇA FORMAL.....	55
	MENINAS CONTEMPLANDO O PARQUE: EXEMPLO DE	
FIGURA 11	LIDERANÇA INFORMAL.....	56
FIGURA 12	PICHAÇÕES NA PONTE DA CACHOEIRA.....	59
FIGURA 13	LIXEIRAS QUEIMADAS EM ATO DE VANDALISMO.....	59

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 REVISÃO DA LITERATURA	11
2.1 CIDADE.....	11
2.2 LAZER.....	15
2.2.1 O tempo do lazer.....	15
2.2.2 A atitude dos sujeitos frente ao tempo do lazer.....	18
2.2.3 Espaço e lugar.....	20
2.3 CULTURA.....	23
2.4 PARQUES URBANOS.....	25
3 CAMINHOS METODOLÓGICOS	30
4 ANÁLISE	32
4.1 O CONTEXTO DA CIDADE DE ARAUCÁRIA E DO PARQUE CACHOEIRA.....	32
4.2 AS FORÇAS SOCIAIS ATUANTES NO PARQUE CACHOEIRA.....	35
4.3 ESTRUTURA.....	37
4.4 ESTÉTICA.....	44
4.5 SEGURANÇA.....	47
4.6 MOVIMENTO.....	50
4.7 LIDERANÇA.....	53
4.8 PERTENCIMENTO.....	56
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: CONEXÕES DO COTIDIANO	61
REFERÊNCIAS	65
APÊNDICES	68
ANEXOS	71

1 INTRODUÇÃO

Em nossa atual sociedade o lazer enquanto fenômeno social surge como um tema sociologicamente relevante a ser discutido, visto que está intimamente ligado ao fato social do advento da revolução industrial, de acordo com JESUS (2007, p. 1) “o sistema fabril em grande escala foi responsável por inúmeras mudanças de ordem política, econômica e social, ocorridas no seio da sociedade” dentre elas, o lazer.

Tendo em vista a relação do indivíduo com o tempo no sistema feudal e no sistema industrial capitalista, são perceptíveis grandes diferenças. Isso em razão da visão quanto ao seu significado, pois no primeiro era quase imperceptível a separação da vida familiar e profissional, enquanto na segunda o tempo é fragmentado e controlado. (*idem*)

Desse modo ocorre uma intensa divisão quanto ao tempo do trabalho e o tempo de não trabalho, o primeiro passa a ser supervalorizado e o lazer, essa dimensão do cotidiano, muitas vezes fica relegado a um segundo plano. Nesse sentido complementa De Decca (2002, p.62), que “há, portanto uma noção completamente nova inexistente em outras sociedades anteriores à sociedade capitalista, a noção de perda e desperdício de tempo”

Atualmente o lazer pode ser compreendido como

“um fenômeno tipicamente moderno, resultante das tensões entre capital e trabalho, que se materializa como um tempo e espaço de vivências lúdicas, lugar de organização da cultura, perpassado por relações de hegemonia” (MASCARENHAS, 2003, p. 97)

Tendo em vista esse conceito de Lazer, gostaríamos de ressaltar a importância e necessidade do espaço para a materialização do lazer. O espaço, como categoria social tem sua relevância, pois é um “importante instrumento analítico e ferramenta interpretativa” (FRANÇA E RECHIA, 2006, p. 63).

Nesse sentido os espaços de lazer são o foco desta pesquisa, em especial os espaços públicos, os quais têm como premissa ser acessíveis a todos os indivíduos.

A origem desses espaços, de acordo com Rechia (2003, p.11) ocorre “na necessidade de contato, comunicação, organização e troca entre as pessoas”,

tornando-se assim espaço de convívio, de civilidade e de cidadania, pois é o “lugar onde as pessoas podem encontrar-se sem se estranhar pelo fato de serem estranhos” (*ibidem*). Nesse sentido percebemos a importância do espaço público para a construção, manutenção e fruição das relações sociais.

Uma das possibilidades quanto aos espaços públicos de lazer são os parques urbanos, que são definidos por Macedo e Sakata (2002, p. 13) como “um espaço livre público estruturado por vegetação e dedicado ao lazer da massa urbana”. Nota-se a relevância deste tipo de espaço pelas relações já citadas que ocorrem nesses locais, “além da importância desses ambientes para a materialidade urbana da cidade, os quais associam preservação ambiental e experiências de lazer”. (RECHIA 2003, p.2)

Nesta realidade está incluso o Parque Cachoeira, localizado no município de Araucária – PR, região metropolitana de Curitiba, no qual foi identificada a seguinte problemática, que norteará a presente pesquisa: *Qual a correlação entre estrutura físico-espacial, cultura local e as formas de apropriação do Parque Cachoeira, localizado no município de Araucária – PR?*

Desse modo o objetivo geral do trabalho pretende Investigar qual a correlação entre estrutura físico-espacial, cultura local e as formas de apropriação do Parque Cachoeira, localizado no município de Araucária – PR

Para a materialização da pesquisa, é necessário que sejam traçados objetivos específicos, que aqui serão: (1) Buscar referenciais teóricos pertinentes à temática da apropriação dos espaços públicos de lazer; (2) Mapear, de acordo com protocolo específico, o Parque Cachoeira; (3) Compreender de que forma a cultura local e a estrutura físico-espacial do Parque se relacionam com as formas de apropriação presentes neste espaço.

Este estudo faz jus a sua realização na medida em que no âmbito acadêmico da Educação física o Lazer se configura como um campo relativamente recente de estudos, sendo assim com a necessidade de consolidar sua relevância no campo científico. Para tal é imprescindível que estudos de qualidade venham a somar nesta temática que aparece como uma demanda emergente na sociedade contemporânea.

A partir dos estudos do Lazer surgem àqueles que refletem sobre os locais onde tais práticas se materializam, os espaços e equipamentos. Quanto a esta temática verificamos a escassez de estudos, visto o extenso campo de estudos

ainda por investigar. Esta carência se mostra presente também quando se trata de locais fora dos grandes centros urbanos, como o caso das regiões Metropolitanas. Desse modo, a presente pesquisa, vindo a investigar um espaço de Lazer de Araucária, município da região metropolitana de Curitiba, pretende contribuir academicamente com um subsidio teórico a posteriores trabalhos que sigam o mesmo eixo temático.

Além disso, este estudo almeja colaborar na esfera social, visto que a crítica feita aqui aos espaços públicos de lazer traz consigo o anseio de transformação social que pode ser alcançado também pela ação do poder público, subsidiado por pesquisas como esta, na implementação de políticas públicas referentes ao Lazer.

A escolha do lugar a ser investigado não se deu por acaso, desde muito tempo ele constantemente faz parte das minhas escolhas para o tempo disponível ao Lazer. Com isso, após o ingresso nos estudos no campo do lazer e principalmente na temática dos espaços e equipamentos, sem dúvida se tornou um objeto de estudo em potencial, porém sua complexidade demandava um estudo mais aprofundado, vindo a ser possível agora com a realização desta pesquisa.

Tendo em vista o foco deste trabalho, o Parque Cachoeira, consideramos pertinente retratar no Capítulo da revisão de literatura, os sub-capítulos referentes as seguintes temáticas: (1) A Cidade, visto que o Parque se caracteriza como urbano e por isso influenciado pelas relações ocorridas nas cidades. (2) O lazer, retratado sob três campos, o tempo, a atitude e o espaço/lugar. (3) A cultura, em razão de ser a base das diversas situações existentes no Parque. (4) Os Parque Urbanos, espaços públicos de lazer que possuem características peculiares. A seguir no terceiro capítulo apresentamos os caminhos metodológicos do trabalho, a fim de detalhar essa trajetória. No quarto capítulo, são apresentados a Cidade de Araucária e uma pequena parte de sua história, bem como as características gerais do Parque Cachoeira. No quinto capítulo analisamos a dinâmica da apropriação do Parque Cachoeira, de forma a elucidar as forças sociais envolvidas nesse processo. No sexto capítulo, fazemos nossas considerações finais e respondemos a questão problema do estudo.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 CIDADE

Ao discorrer sobre cidades Rolnik (1994, p. 25) nos mostra que é possível compará-las a imãs, pois se mostram como “um tipo de espaço que ao concentrar e aglomerar as pessoas intensifica as possibilidades de troca e colaboração entre homens”. Concordando com esta idéia, Jacobs (2000, p. 221) cita Samuel Johnson, que já em 1785, observa que “os homens quando muito dispersos, se arranjam, mas se arranjam mal, sem várias coisas [...]. É a concentração que propicia o conforto material”.

A cidade, com seu “movimento incessante de gente e máquinas, do calor dos encontros” (Rolnik, 1994, p.40) bem como a violência dos conflitos

Nasce do processo de sedentarização e seu aparecimento delimita uma nova relação homem/natureza, para fixar-se num ponto, para plantar é preciso garantir o domínio permanente de um território, [...]. (*idem*).

Além desta materialidade é imprescindível a gestão daquilo que é produzido na urbe, isto é, sua dimensão política. A organização da vida pública cria normas e regras de condutas, possibilitando assim a convivência dos cidadãos. Para tal, se desenvolve um aparelho que por vezes é compreendido como natural das cidades, o Estado Civil.

O Estado possui grande parcela de responsabilidade de organizar a cidade, segundo as regras que cria (ROLNIK, 1994). Entretanto, percebemos a partir do olhar de Jacobs (2000, p. 267) que a multiplicidade existente nas cidades é

Criação de uma quantidade inacreditável de pessoas diversas e de organizações privadas diversas, que têm concepções e propósitos bastante diversos e planejam e criam fora do âmbito formal da ação pública.

Na antiguidade clássica, segundo Rolnik (1994, p. 26) “a dimensão mercantil da cidade era secundária em relação a sua dimensão política. Tal fato se evidencia

na própria posição dos mercados e mercadores nas cidades desse momento histórico – eram estrangeiros e ficavam fora dos muros em acampamentos e feiras.”

Posteriormente na Europa medieval, a cidade que “até então existia para os interstícios de um mundo agrário, passa a dominar a cena” (ROLNIK, 1994, p. 31) e a economia que se fundamentava na subsistência principia a comercialização do excedente. Nesse processo, gradualmente o poder feudal perde sua força em razão das doenças aí existentes e da inelasticidade da oferta de terras. Os camponeses, explorados nesse sistema, observavam nas cidades uma forma de libertação, tendo em vista os atrativos culturais e as oportunidades de emprego. (ROLNIK, 1994)

Desse modo

A cidade, enquanto local permanente de moradia e trabalho se implanta quando a produção gera um excedente, uma quantidade de produtos para além da necessidade imediata. O excedente é ao mesmo tempo, a possibilidade de existência da cidade – na medida em que seus moradores são consumidores e não produtores agrícolas [...]. (ROLNIK, 1994, p. 16)

Ainda de acordo com Rolnik (1994, p.30)

É a partir de certo momento da história que as cidades passam a se organizar em função do mercado, gerando um tipo de estrutura urbana que não só opera uma reorganização dos seus espaços internos, mas também redefine todo espaço circundante

Isto é, essa modificação vai interferir em toda a cidade e sua relação com os moradores. Jacobs (2000, p. 158) ao analisar a cidade de maneira ampla, complementa a visão de Rolnik, ao “admitir de imediato, como fenômeno fundamental, as combinações ou as misturas de usos, [...]”, tendo em vista, todas as possibilidades das cidades, mercantis ou não.

Ao contrário da vila medieval onde as cidades cresciam sem planejamento ou intervenção do Estado, tendo a preocupação apenas da ocupação do espaço e não da sua organização,

A lógica da racionalidade, do cálculo e da previsão, que emerge a partir das práticas econômicas do grande comércio e da manufatura, penetra assim na produção do espaço, com planos e projetos debaixo do braço. (ROLNIK, 1994, p. 58)

A partir do surgimento da indústria esse movimento do comércio, orientada pela lógica capitalista, ganha ritmo e intensidade. Dessa forma “o ingrediente que

falta para compor o cenário da indústria é apenas um, a máquina.” (ROLNIK, 1994, p. 72) Como consequência da presença das indústrias nas cidades ocorre a aglomeração urbana e a urbanização da sociedade como um todo, fazendo com que mesmo onde não exista indústrias haja influência das mesmas sobre a sociedade, por exemplo, a imigração para as cidades. (ROLNIK, 1994)

Nesse sentido

A revolução industrial, desde seus primórdios se alimentou desses movimentos migratórios das grandes massas [...]. Assim começou um fenômeno jamais vivido pelas cidades, transformadas em pólos de atração para as massas de imigrantes de regiões e países dos mais variados, as cidades passaram a ser sinônimo de heterogeneidade cultural e étnica. (ROLNIK, 1994, p. 79)

O planejamento urbano surge então visando organizar as cidades a fim de funcionarem da melhor forma possível. Jacobs (2000) faz a crítica a um modo de planejamento dito por ela, ortodoxo, que segue regras estáticas, de poucos resultados e que gera a monotonia nas cidades. Isso porque se baseiam em cidades imaginárias, em atitudes e comportamentos irrealistas de seus habitantes, segundo esta autora:

As cidades são um imenso laboratório de tentativas e erros, fracasso e sucesso, em termos de construção e desenho urbano. É nesse laboratório que o planejamento urbano deveria aprender elaborar e testar suas teorias JACOBS (2000, p. 5)

Sendo assim, “Para compreendermos as cidades, precisamos admitir de imediato, como fenômeno fundamental, as combinações ou as misturas de usos, não os usos separados.” (JACOBS, 2000, p.158), tendo em vista as inter-relações presentes neste imenso laboratório.

Atualmente, já consolidadas como um dos modos mais utilizados das pessoas habitarem e subsistirem, as cidades necessitam funcionar, isto é, ter uma razoável harmonia nas suas diversas dimensões, como a política, a segurança, o comércio, o lazer e etc.. De acordo com Jacobs (2000, p. 30) um dos principais atributos para uma cidade próspera, “é que as pessoas se sintam seguras e protegidas na rua e meio a tantos desconhecidos. Não devem se sentir ameaçadas por eles de antemão”.

Esta segurança pode ser obtida a partir dos próprios usuários das ruas, da cidade

A paz nas calçadas e nas ruas – não é mantida basicamente pela polícia, sem com isso negar sua necessidade. É mantida fundamentalmente pela rede intrincada, quase inconsciente, de controles e padrões de comportamentos espontâneos presentes em meio ao próprio povo e por ele aplicados. (JACOBS, 2000, p. 32),

Jacobs (2000) expõe de forma clara a importância da diversidade na cidade. Isto porque é a partir dela que se fazem os usos numa cidade, “não se pode forçar as pessoas a utilizar as ruas sem motivo” (*ibidem*, p. 37), desse modo com uma diversidade de motivos, mais pessoas com diferentes propósitos podem utilizar as ruas e calçadas, com isso é possível a diversidade de pessoas. Para isso é necessário que haja uma combinação de usos principais e derivados.

Os usos principais são primeiro, “aqueles que por si só atraem pessoas a um lugar específico porque funcionam como âncoras. Escritórios e fábricas são usos principais. Moradias também.” Porém apenas os usos principais não geram uma diversidade atraente, os espaços com usos principais precisam também de uma diversidade derivada, conceito esse que se aplica “aos empreendimentos que surgem em consequência da presença de usos principais, a fim de servir às pessoas atraídas pelos usos principais.” (JACOBS, 2000, p. 178), e esta enfim “é vital para fluência de usos urbanos, para a variedade de opções e para as diferenças proveitosas particularidades das ruas e dos distritos.” (*ibidem*, p. 179)

De acordo com Jacobs (2000, p. 165) são quatro as condições principais para que seja possível a vitalidade das cidades, segundo ela

1. O distrito, e sem dúvida, o maior número possível de segmentos que o compõe, deve atender a mais de uma função principal; de preferência a mais de duas. Estas devem garantir a presença de pessoas que saiam de casa em horários diferentes e estejam nos lugares por motivos diferentes, mas sejam capazes de utilizar boa parte da infraestrutura.
2. A maioria das quadras deve ser curta; ou seja, as ruas e as oportunidades de virar esquinas devem ser frequentes.
3. O distrito deve ter uma combinação de edifícios com idades e estados de conservação variados, e incluir boa porcentagem de prédios antigos, de modo a gerar rendimento econômico variado. Essa mistura deve ser bem compacta.
4. Deve haver densidade suficiente de pessoas, seja quais forem seus propósitos. Isso inclui a alta concentração de pessoas cujo propósito é morar lá.

Com esses atributos a vida urbana de uma grande cidade pode se tornar mais saudável visto as possibilidades de apropriação da cidade que os usos combinados, as quadras curtas, a diversidade de construções e a alta quantidade de pessoas, pode gerar.

2.2 LAZER

Ao reconhecer o caminho percorrido pelo lazer, este fenômeno moderno, o qual se estabelece em conjunto com a revolução industrial, percebemos as diferentes formas de observá-lo e compreendê-lo, as quais muitas vezes não reconhecem a extensa e diversa pluralidade contida na subjetividade do lazer.

Para vislumbramos essa totalidade, recorremos a Bramante (2006) que distingue três faces do lazer, quais sejam elas: *tempo, espaço e atitude*.

2.2.1 O tempo do lazer

Para iniciar uma discussão acerca do tempo do lazer percebemos como necessário abordar inicialmente o conceito de ócio, que atualmente são utilizados, muitas vezes, como sinônimos, mas apresentam algumas diferenças.

Na literatura o *ócio* apresenta-se no ideal clássico como *skholé*, ou seja, um

[...] modo de vida cujas ações do homem livre orientavam-se pela contemplação e reflexão dos supremos valores da época: a verdade, a bondade, a beleza a sabedoria e etc. (MASCARENHAS, 2006, p. 90)

Nessa realidade histórica, o ócio não tinha uma relação de antagonismo ao trabalho, mas sim era todo o tempo social de não-trabalho.

Posteriormente o ócio em Roma é tratado como antagonista ao trabalho e visto como um tempo de descanso e recreação. Baseado em Munné, Mascarenhas (2006, p. 91) nos aponta que

Em função do novo contexto socioeconômico, o ócio ganha também outra função, pois é neste momento, através da por demais conhecida política do *panis et circens*, que surge a recreação de massas.

Em Roma, atividades como o comércio, exército ou governo eram tratadas como uma negação ao ócio, isto é, como negócio. Com isso o trabalho perde seu sentido pejorativo. Além disso, surge uma diferenciação do ócio das classes dirigentes e da população em geral, que recebe do Estado atividades que, sobretudo servem a despolitização das grandes massas. (*idem*)

Ainda de acordo com Mascarenhas (2006, p. 91) observamos que na nobreza da idade média o ócio se torna um ideal de vida devendo ser ostentado como um privilégio,

Somando-se ao dito ócio popular, um tempo de descanso e de comemorações intermediadas por festas organizadas sob o rígido controle de poderes da igreja e dos senhores feudais, marca o surgimento de um tipo de ócio caracterizado por um espírito lúdico eminentemente classista. [...] Se, por um lado, a indignidade do trabalho constitui-se como um dos fatores para o aparecimento de tal modo de se conceber o ócio, por outro, este último passa também a ser visto como demonstração de riquezas que permite uma vida de ociosidade, deixando, definitivamente, de ser uma experiência interior e subjetiva, ao contrário, devendo ser exteriorizada.

A Revolução Industrial originou uma separação nunca antes vista, o tempo de trabalho e o tempo livre. Segundo De Decca (2002, p. 61), inspirado nos estudos de E. P. Thompson¹

Ao contrário das concepções de tempo ligadas aos ciclos naturais, o novo tempo passou a ser concebido como uma medida abstrata capaz de ser conferida e calculada e que se desenvolveu concomitantemente a um novo instrumento mecânico o relógio.

Essa ruptura trouxe consigo a extrema valorização do trabalho e conseqüentemente a desvalorização do tempo de não-trabalho. Nesse sentido surge “uma noção completamente nova inexistentes em outras sociedades anteriores à sociedade capitalista, a noção de perda e desperdício de tempo.” (DE DECCA, 2002, p. 62)

Na modernidade a nova concepção abstrata de tempo aliada a uma extrema valorização do trabalho produziu uma sociedade voltada à busca da abundância como sinônimo de felicidade. (DE DECCA, 2002, p. 61)

Sendo assim, o ócio foi visto como vício e condenado pelo Protestantismo, religião emergente da época.

Os princípios ético-religiosos desta época exaltam o trabalho, tornando-o sinônimo do esforço pessoal necessário para o acúmulo de riquezas, o que justificaria a ascensão da burguesia. [...] Considerado como o próprio anti-trabalho, improdutivo, o ócio torna-se sinônimo de degradação. (MASCARENHAS, 2006, p. 92)

¹ THOMPSON, E. P. *Costumes em comum: Estudos sobre a cultura popular e tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras. 1998

_____. *A formação da classe operária Inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.

A partir desse momento histórico nota-se o surgimento do lazer, sendo que este ainda carrega consigo algumas características do ócio, mas se torna algo para além dele e que surge concomitantemente à Revolução industrial.

Na literatura encontramos diversas visões divergentes sobre o surgimento do lazer e até que ele seria uma continuidade do ócio, porém percebemos que esse fenômeno se diferencia do ócio e de práticas lúdicas de outras épocas, principalmente pela relação econômica que se estabelece atualmente sem, porém determinar a extinção de outras formas de apropriação do tempo livre.

De acordo com Mascarenhas (2006, p. 95)

O lazer é a forma dominante de apropriação do tempo livre na contemporaneidade, expressão das determinações econômicas, políticas, sociais e culturais produzidas pelo capitalismo. De período a período, s mudanças que se percebem do ideal grego de *skholé* até o lazer mantêm estreita relação com as transformações provocadas na organização do trabalho.

Para este autor o lazer surge em conjunto com a modernidade porque é um “fenômeno condizente com a ideologia da sociedade industrial.”. Isto é, um tipo de apropriação do tempo livre que se ajusta as exigências do capital, principalmente em razão da sua potencialidade econômica de consumo. (Mascarenhas, 2006)

A percepção de um tempo verdadeiramente livre e desinteressado, durante o tempo do lazer é refutada por este autor de modo que este vê na possibilidade da

[...] experiência lúdica autônoma, sentido atribuído ao lazer, é apenas o que a aparência do fenômeno manifesta. Se o sujeito particular não percebe conscientemente o caráter prático-material do lazer, enxergando-o apenas como algo *desinteressado*, isto não significa que sua leitura corresponda à verdade. Para além da esfera subjetiva, olhando para sua dimensão objetiva, o lazer revela-se como um fenômeno por demais *interessado*, altamente servil às demandas emanadas a partir do sistema de metabolismo social estruturado pelo capital. (MASCARENHAS, 2006, p.96)

Tendo em vista essa visão do autor ao relacionar o lazer para além da esfera subjetiva concordamos que esse tempo pode ser de legitimação do atual sistema econômico vigente, porém pode também contestá-lo. O que diferenciará tais possibilidades é a consciência do sujeito que se depara com opções de praticas diferentes de lazer e opta, mas realiza essa escolha com a clara idéia de que sua escolha, por mais singela que pareça trará algum resultado à sociedade. De acordo com De Decca (2002, p. 69) compreendemos que mesmo nascidos na cultura do tempo cronometrado e da extrema valorização do trabalho destaca-se

[...] principalmente a percepção do modo como o homem submetido ao relógio moral e abstrato do tempo foi capaz de reverter este constrangimento em seu próprio favor, desenvolvendo uma nova percepção das emoções e da vida, dando asas às formas elevadas de produção cultural, como as artes.

E ainda que “driblar esse tempo que impregna o nosso corpo por introjeção, como um relógio moral, significa elaborá-lo em função de uma individualidade mais livre e autônoma.” (DE DECCA, 2002, p. 70)

2.2.2 A atitude dos sujeitos frente ao tempo do lazer

O tempo do lazer é materializado pelas atitudes que nele se realizam. A partir dos conceitos de Leiro e Mascarenhas acerca deste conceito percebemos que estes apesar de apontarem para sentidos aparentemente opostos, tais perspectivas se complementam. De acordo com Mascarenhas atitude é um “estado subjetivo de liberdade [...] no qual o sujeito se coloca em atividades cujas finalidades esgotam-se em si mesmo”. Já Leiro (2006, p. 52) afirma que a

Atitude vive também sob a égide dos condicionamentos/resistências/superações históricas e sob as possibilidades políticas e pedagógicas dos ambientes socioculturais em que o sujeito está implicado.

Tendo em vista tais afirmações percebemos que a atitude dos sujeitos frente ao tempo disponível para o lazer é permeada por um leque de possibilidades, porém estas estão subordinadas ao contexto e as limitações de cada sujeito.

Bauman e May (2010, p. 102) nos mostram o olhar sociológico frente a essa possibilidade de escolhas assinalando a forma com que elas são diferencialmente distribuídas entre os sujeitos, de forma que “algumas pessoas desfrutam de gama mais larga de escolhas devido ao acesso a mais recursos, e podemos nos referir a isso em termo de poder”

E ainda que “Ter poder é ser capaz de atuar mais livremente, enquanto ser relativamente menos poderoso, ou impotente, corresponde a liberdade de escolha limitada por decisões alheias” (*idem*)

Tendo em vista que nossas escolhas estão intimamente relacionadas com nossos recursos materiais e culturais, podemos perceber que o atual sistema

econômico vigente tem a possibilidade de interferir e interfere nesses dois pontos, influenciando-os de forma direta, porém não totalmente determinante.

Mascarenhas corroborando com Marcassa manifesta uma visão de certa forma radical quanto a conteúdo do ócio e do lazer, ao se referir a este como

[...] expressão de uma ação deliberada de amoldamento da subjetividade proletária, um processo de institucionalização da vida cultural que atingiu em cheio a formação social dos trabalhadores na direção do aburguesamento da sociedade, **banindo assim experiências** não alinhadas a nova disciplina do trabalho (MASCARENHAS, 2006, p. 96. Grifo nosso)

E ainda que

Por via de regra, o ócio já foi esvaziado de conteúdo concreto. [...] subsiste apenas como uma referência, uma possibilidade que nos remete ao resgate de modos de vida e formas de sociabilidade quase superadas, mas ainda presentes no imaginário social (*idem*)

É visível que o tempo disponível ao lazer em nosso atual momento histórico esteja sendo tomado por práticas pautadas no capital, ou ainda deixando de lado quando visto como menos importante que o tempo do trabalho, porém não compreendemos que qualquer atitude ou experiência de lazer, mesmo que não adequada ao capital, esteja sendo banida do hall de experiências possíveis.

A perspectiva de liberdade dos sujeitos em relação a sua atitude frente ao tempo disponível ao lazer os possibilita escolher e de encontrar brechas na extensa rede tecida pelo capital. Thompson (*apud* DE DECCA, 2002) já nos assinalou tal possibilidade mostrando o sujeito criativo que dribla o tempo controlado pelos relógios.

Nesse sentido as práticas de lazer exercidas por determinado sujeito podem até não se revelar totalmente desinteressadas, mas este tendo consciência da influência que o capital exerce em sua vida ele poderá, a partir desta consciência, exercer seu direito fundamental da escolha das suas atitudes.

A educação se apresenta deste modo, de fundamental importância, na medida em que serve de base “para se adquirir autonomia e consciência crítica quanto ao que fazer no tempo livre ou que atividades vivenciar” (SILVA, 2000, *apud* SILVA, RAPHAEL e SANTOS, 2006, p. 121)

Inspirados em Marcellino, Silva, Raphael e Santos (2006, p. 122) mostram ainda a educação como uma

Ferramenta de defesa contra a homogeneização e internacionalização dos conteúdos veiculados pelos diversos meios de comunicação de massa, diminuindo seus efeitos, através da ampliação e desenvolvimento do espírito crítico. A ação conscientizadora da prática educativa, ao assimilar a idéia e fornecer meios para que os indivíduos vivenciem um lazer crítico e gratificante, torna possível o desenvolvimento de atividades até com um mínimo de recursos, ou contribui para que os recursos necessários sejam reivindicados pelos grupos interessados, junto ao poder público.

Desse modo a educação para o lazer surge de forma a combater a falta de criticidade, e de consciência nas práticas lúdicas escolhidas pelos sujeitos. E mesmo na realidade econômica na qual vivemos dar sentido e significado a todas as práticas de lazer, sejam elas num viés de lazer através do consumo, ou contemplação, ou das práticas corporais, das práticas manuais e todas as outras possíveis.

Dessa forma cada sujeito, através da educação, terá subsídios a refletir qual é o seu verdadeiro desejo e saberá de que forma isso irá interagir com o mundo que o cerca.

2.2.3 Espaço e lugar

Já nos referimos ao tempo em que o lazer ocorre, às práticas que se constituem durante este tempo e agora voltamos nosso olhar às categorias *espaço* e *lugar*, *lócus* no qual o lazer se materializa como fato concreto.

O espaço torna-se um importante meio de interpretação da realidade, a disposição espacial, por vezes reflete o modo como a cultura está organizada.

O espaço, quando faz parte da vida, isto é do mundo vivido² dos sujeitos, passa a fazer parte de outra categoria, sendo então um "lugar" para essa pessoa. Isso ocorre quando experiências significativas de ordem subjetiva se desenvolvem

² Para o autor, o lugar expressa relações de ordem objetiva em articulação com relações subjetivas, relações verticais resultado do poder hegemônico, imbricadas com relações horizontais de coexistência e resistência. Daí a força do lugar. (RECHIA, 2003, p. 35)

em determinado espaço, fazendo-o singular e diferenciado. Segundo Tuan³ (apud FRANÇA e RECHIA, 2006, p. 63)

Espaço é um símbolo comum de liberdade no mundo ocidental. O espaço permanece aberto, sugere futuro e convida a ação. O espaço fechado e humanizado é lugar. Os seres humanos necessitam de espaço e lugar, pois as suas vidas são um movimento dialético entre refugio e aventura, dependência e liberdade. O lugar representa a segurança, enquanto o espaço representa a liberdade.

Nesse sentido espaço e lugar são observados como elementos fundamentais da vida. “Assim o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor.”. (RECHIA e FRANÇA 2006, p. 63)

Luchiari (1996, p.217), ao citar Santos⁴, retrata a estrutura social que é o espaço, o qual se concretiza como “condicionante condicionado”, isto é, por ser algo imposto, supõe certas adaptações daqueles que se utilizarem dele, mas também é condicionado, pois sua existência depende daqueles que o planejarem e ainda do uso que se fará dele. Este uso muitas vezes pode não ser para o fim a que foi planejado. Isso pode indicar a existência de brechas pelas quais os indivíduos podem se apropriar e ressignificar os espaços que utilizam. (RECHIA e FRANÇA, 2006).

Segundo Rechia (2003, p. 35), inspirada em Santos (1997),

[...] o lugar expressa relações de ordem objetiva em articulação com relações subjetivas, relações verticais resultado do poder hegemônico, imbricadas com relações horizontais de coexistência e resistência. Daí a força do lugar.

Desse modo, mesmo que o tempo e espaço de lazer estejam condicionados a interesses, influencias, e à lógica do capital, isso não impede que os indivíduos sociais, tenham a possibilidade de ressignificá-lo e se apropriar dele, condicionando-o e o tornando um “lugar” dotado de valor e significado.

³ TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

⁴ SANTOS, Milton. Metamorfoses do espaço habitado. Paulo: Hucitec, 1988.

Certau⁵ (*apud* RECHIA e FRANÇA, 2006, p. 68) aponta que isso é possível na medida em que os procedimentos populares

Alteram o funcionamento das estruturas tecnocráticas por meio de uma multiplicidade de táticas articuladas sobre os detalhes do cotidiano, que por meio da criatividade dispersa, tática e bricoladora desenvolvem modos astuciosos de proceder no dia-a-dia, podendo conferir significado aos espaços constituídos.

Sendo assim, essas táticas - advindas da subjetividade dos sujeitos – podem se desenvolver na forma de resistência ao modelo imposto pela lógica dominante, “considerando possível a autonomia dos sujeitos gerada a partir dos interstícios do tempo cronometrado do trabalho na vida cotidiana.” (RECHIA e FRANÇA 2006, p. 68).

Nesse sentido na cidade, os espaços públicos de Lazer, aliados a educação para o lazer,

[...] podem possibilitar a aquisição de novos valores humanos os quais se diferenciam de meras atividades compensatórias, funcionalistas e consumistas. Elas envolvem, ao menos aparentemente, a relação ética com o outro, o convívio um pouco mais harmonioso com a diferença, a autonomia e a vivência com a cultura local. (RECHIA FRANÇA, 2006. p.67)

Nessa mesma linha de pensamento, Rechia (2003, p. 10) cita ainda o autor Villaverde (1999, p.127), o qual salienta que

A realidade dos espaços da cidade, especialmente os de lazer ao ar livre, parecem não escapar à lógica da cultura de consumo [...], mas talvez seja possível experimentar nesses espaços públicos uma relação mais aproximada com outros elementos da natureza e com uma considerável diversidade de práticas culturais, podendo aí ser encontrados elementos para outra perspectiva na vivência do lazer.

Sendo assim, ressaltamos a importância de se observar os espaços de lazer, sobretudo, os espaços públicos que podem servir a práticas que levem a criatividade e autonomia dos sujeitos, assim como podem levá-los a alienação e a heteronomia em relação as suas atitudes no tempo do lazer.

2.3 CULTURA

⁵ CERTAU, M. A invenção do cotidiano. Petrópolis: Vozes, 1994.

A organização da vida como um todo, desde suas minúcias cotidianas até os mais generalizados comportamentos, são condicionados a determinados hábitos, padrões, métodos, táticas e etc.. Podemos perceber facilmente que em todos os países, regiões e até mesmo em cada família existem modos diferentes de ver e expressar a realidade em que se vive, isto é, estão presentes diferentes culturas.

A cultura vem sendo estudada em diferentes épocas e em diferentes perspectivas, porém com o mesmo intuito essencial, “o de entender os muitos caminhos que conduziram os grupos humanos as suas relações presentes e suas perspectivas de futuro.” (SANTOS, 1987, p. 7)

A origem etimológica da palavra “cultura” procede do latim *colere*, que significa cultivar e se refere até hoje a atividades agrícolas. Posteriormente em Roma, estudiosos utilizaram desta denominação para se reportar ao refinamento da alma, isto é, a educação aprimorada de uma pessoa. (SANTOS, 1987)

Os sentidos comuns associados a palavra “cultura” por vezes podem limitar a compreensão da amplitude deste termo

Cultura está muito associada a estudo, educação, formação escolar. Por vezes se fala de cultura para se referir unicamente as manifestações artísticas, como o teatro, a música, a pintura, a escultura. Outras vezes ao se falar em cultura da nossa época ela é quase que identificada como os meios de comunicação de massa, [...]. Ou então diz respeito as festas e cerimônias tradicionais, as lendas e crenças de um povo, ou a seu modo de se vestir, á sua comida, a seu idioma. (ibidem, p. 13)

O fato dos sentidos da palavra cultura estarem ligados a manifestações específicas, como o teatro, ou a educação refinada, está relacionado ao entendimento estabelecido na Alemanha do século XVIII, onde ocorreu o início da preocupação de se estudar a cultura de forma sistemática. Nesse momento histórico a discussão sobre a evolução das espécies serviu também para explicar as diferenciações ocorridas com as diferentes populações humanas. “A preocupações com cultura tinham essa marca legitimadora da dominação intelectual.” (SANTOS, 1987, p. 20). Desse modo as manifestações artísticas serviam na “constatação” da superioridade do ocidente, de forma a desequilibrar as relações de poder a favor das economias dominantes.

Na Europa ocidental

Tais esforços de classificação de culturas não implicavam apenas na justificação do domínio das sociedades capitalistas centrais, que naqueles esquemas globais apareciam no topo da humanidade, sobre o resto do

mundo. Idéias racistas também se associaram àqueles esforços; muitas vezes os povos não-europeus foram considerados inferiores, e isso era usado como justificativa para seu domínio e exploração. (SANTOS, 1987, p. 7)

Tendo em vista outro conceito de cultura, diferente deste da acumulação de conhecimentos, ou de tentativa de hierarquização, percebemos cultura através do olhar antropológico de Geertz⁶ (*apud* DAOLIO, 2004, p. 12), como sendo

A própria condição de vida de todos os seres humanos. É produto das ações humanas, mas também processo contínuo pelo qual as pessoas dão sentido as suas ações. Constitui-se em processo singular privado, mas também é público. É universal, porque todos os humanos a produzem, mas também é local, uma vez que é a dinâmica específica da vida que significa o que o ser humano faz. A cultura ocorre na mediação dos indivíduos entre si, manipulando padrões de significados que fazem sentido num contexto específico.

Desse modo, refutamos a suposição de existência de culturas melhores ou piores, que está ligada principalmente a preconceitos e discriminações. O fato de observar culturas diferentes daquela conhecida pelo observador deve ser realizado com o devido cuidado, isso por que até mesmo os critérios que este usa para classificar e julgar também são culturais, ou seja, “na avaliação de culturas e traços culturais tudo é relativo” (SANTOS, 1987, p. 8)

Tal visão antropológica proposta por Geertz proporciona uma compreensão sintética do homem, tendo em vista que este é em sua essência um ser cultural, que “abarca os aspectos motor, psicológico e social presentes no comportamento humano.” (DAÓLIO, 2004, P.6)

A discussão sobre as diferentes culturas só faz sentido quando assumimos que elas se relacionam de alguma forma. Por vezes essa relação não ocorre de forma tranqüila, gerando tensões na vida como um todo, aqui em especial, no âmbito do lazer.

É necessário considerar também a diversidade dentro de uma mesma sociedade seja no nível nacional, estadual, municipal ou até mesmo regional. Pois essa heterogeneidade se reflete nas maneiras de se operar na vida social. (*idem*)

Tais diferenças, individuais e coletivas são responsáveis pela possibilidade de autonomia dos sujeitos, que no seu momento de lazer podem, mesmo que de

⁶ GEERTZ, C. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Editora Guanabara.1989

forma limitada pelas suas condições sociais, escolher por determinadas práticas culturais. No âmbito do lazer, na maioria das vezes, as experiências acontecem em meio a coletividade, desse modo é válido se referir a uma autonomia do coletivo, ou então da sua heteronomia.

Segundo Marshall Sahlins (*apud* MAGNANI, 2002. p. 5) “Há autores que enfatizam os efeitos homegeinizadores do sistema mundial sobre culturas locais, também creditando essa influencia à ‘grande influencia da dominação ocidental’”. Dessa forma há a influencia das culturas globais sobre as locais, porém “não poucas vezes esse fluxo termina fortalecendo costumes e instituições tradicionais, num dos pólos, aquele constituído pela longínqua aldeia de origem.” (*ibidem*).

2.4 PARQUES URBANOS

O Parque urbano como é conhecido atualmente é fruto principalmente da era pós Revolução Industrial, porém a apreciação da paisagem modelada de acordo com a cultura , tem antecedentes muito mais antigos.

Muitas pinturas no século XV, principalmente as do francês Claude Lorrain (1600-82), retratavam uma natureza imaginada, ideal. Diversos pintores dessa época se preocupavam “em não apenas retratar a paisagem com fidelidade, mas recriá-la ao sabor da imaginação do artista.” (SEGAWA, 1996, p. 27) As obras advindas dessa vertente ficaram conhecidas como pinturescas, ou pitorescas. A partir dessas obras

viajantes costumavam julgar um trecho da paisagem real de acordo com os padrões por ele fixados em suas telas. Se o cenário natural lhes recordava as visões do artista, consideravam-no adorável e aí se instalavam para seus piqueniques. Os ingleses ricos foram ainda mais longe e decidiram modelar os trechos da natureza que consideravam seus, os jardins em suas propriedades, de acordo com os sonhos de beleza de Lorrain. “A uma paisagem ou um jardim que os fazia pensar em Claude chamavam ‘pinturesco’— idêntico a uma pintura” (Gombrich⁷ *apud* SEGAWA, 1996, p. 6)

⁷ GOMBRICH, E. H. A história da arte. Trad. Álvaro Cabral. 4.ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

No decorrer da história o gosto pelas paisagens difundia-se inclusive nas classes médias, “a natureza incorporava-se gradativamente ao cotidiano: nessa época, o cultivo de árvores, flores e jardins tornava-se um hábito comum à população urbana” (SEGAWA, 1996, p. 29). O século XVI foi marcado pelas criações dos jardins e parques públicos, fazendo com que houvesse um “ponto de inflexão onde o jardim deixa de ser uma metonímia⁸ para se tornar uma metáfora⁹ da natureza” (*idem*). Isto é, nesse momento histórico o jardim já não é mais algo puramente natural, ele deixa de ser uma metonímia, passando a ser uma metáfora, algo que se parece, se assemelha, mas não é aquilo realmente. Desse modo os jardins e parques buscam se assemelhar à natureza, mas não são naturais, pelo contrário são modelados conforme a cultura vigente denominar como belo.

Nesse sentido

A paisagem é a consciência humana diante de um ambiente, produto do seu potencial imaginativo e criador, uma contemplação visual formulando significados e novas imagens. Os jardins correspondem ao enquadramento de paisagens cultivadas pelo ser humano com a marcante presença da vegetação no imaginário ocidental. Diferentes visões alimentam a elaboração e a apreciação dos jardins. O comportamento humano diante desses cenários redonda na superposição de algumas dimensões perceptivas. (SEGAWA, 1996, p. 219)

Durante o momento histórico do renascimento foram profundas as mudanças urbanísticas na Europa, as tortuosas cidades medievais davam lugar às cidades racionalizadas de vias largas, arborizadas e logradouros voltados à nobreza (SEGAWA, 1996). Nesse sentido, percebe-se através do olhar de Segawa (1996) a imbricada relação entre as modificações do espaço e os hábitos cultivados pela população da Europa.

O hábito do *corso*, no sentido de desfile ao ar livre, talvez tivesse outra origem e outros cenários não fosse a existência de vias de circulação que permitissem tal prática.. Esse veículo (a carruagem) se transformava, numa cidade que adquiria aos poucos um novo sistema viário, num símbolo que convertia a rua num segmento que extrapolava a mera função de pôr em

⁸ Emprego de palavra ou expressão em sentido figurado, que consiste em designar um objeto por palavra designativa doutro objeto que tem com o primeiro uma relação de causa e efeito (trabalho por obra), continente e conteúdo (copo por bebida. Ex.: Vou beber um copo de água, ninguém bebe o copo e sim a bebida dentro dele.) (FERREIRA, 1993)

⁹ Emprego de palavra ou expressão em sentido figurado em que a significação natural de uma palavra é substituída por outra que tem relação de semelhança. (Ex.: chama-se de raposa uma pessoa astuta.). (FERREIRA, 1993)

contato dois pontos distantes — um lugar para exibicionismo. “Donos de carruagens ficavam ansiosos em se exhibir e descobriram que uma maneira agradável de fazer isso era subir e descer pelas novas vias. Assim como era deleitável ver e ser visto pelo maior número de outras carruagens, o costume cresceu (mais uma vez, provavelmente introduzido em Florença) de circular num lugar em particular, numa determinada hora — usualmente no frescor da noite.” (Girouard, 1985, p. 124 apud SEGAWA, 1996, p. 45).

Participar desse encontro social implicava, e ainda implica atualmente aceitar certas regras sociais de comportamento, no século XVIII um desses aspectos consistia no silêncio em público, “as pessoas poderiam apenas passear ou ficar sentadas, em silêncio.” (SEGAWA, 1996, p. 46) Este atributo demonstrava, como aponta Sennett¹⁰ (apud SEGAWA, 1996, p. 46) certa “perda da espontaneidade nas relações sociais e no comportamento das pessoas em publico”.

Comportando-se publicamente como atores, a sociedade urbana carecia de figurinos apropriados, com isso as roupas eram um sinal que demarcava a hierarquia social da época. Mas com a burguesia ganhando poder à medida que se aproximava a Revolução Industrial esses contratos sociais foram aos poucos se afrouxando, durante esta dinâmica a moda foi se estabelecendo na medida em que ditava os hábitos de vestuário e até atitudes, e “o jardim público, a partir do século 17, foi a grande passarela dessas transformações.” (SEGAWA, 1996, p. 46)

No fim do século XIX a característica principal das cidades era sua busca pelo salubrismo. Buscar as condições que possibilitassem à saúde era de suma importância, pois com o advento das fábricas as cidades a noção de higiene pública se tornou recorrente na época. Nesse sentido a arborização pública se tornou uma possibilidade intervenção urbanística. Na visão de um publicista francês da época “a vegetação faz, pois, o serviço da edilidade pública. Plantar é sanear.” (SEGAWA, 1996, p. 68)

Com referência às praças públicas, eu disse [...] que elas agiam como reservatórios de ar, como pulmões da cidade, sendo preciso *pelo menos* duplicá-las e com mais largas dimensões no volume de ar oxigenado. Acrescentei que a ornamentação apropriada, a arborização ou ajardinamento, a designação dos nomes dados a essas praças públicas, como também às ruas da cidade, servem de pedra de toque para se ajuizar do grau de educação pessoal, artística e cívica do povo [...] ([Liberalli, 1901, p. 179 apud SEGAWA, 1996, p. 70)

¹⁰ SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

A busca pelo salubrismo e pelo grau de educação pessoal tinha também como público principal os operários, que na insipidez de suas vilas e de seus trabalhos obtinham nos jardins práticas de lazer consideradas mais sadias, em contraponto ao alcoolismo e aos possíveis vícios.

Pelo lado moral há a notar o valor de ter a família próximo à casa esse gratuito divertimento de um passeio à tarde, convidativo para o pai, que só assim não irá buscar na taverna ou longe do lar as alegrias necessárias ao seu espírito. (Backheuser, 1905, p. 9 apud SEGAWA, 1996, p. 72)

Um marco no Brasil deste movimento foi a construção do passeio Público do Rio de Janeiro feito de forma a imitar as transformações que ocorriam na Europa. Porém, no Brasil não se havia cultivado as noções de salubridade e a de 'ver e ser visto' que na Europa já integravam à cultura, dessa forma, após a administração de seu criador D. Luis de Vasconcelos o espaço entrou em decadência, e seus sucessores nada fizeram para contornar tal situação. (SEGAWA, 1996)

No Brasil no século XIX, de acordo com a pesquisa de Macedo e Sakata (2003, p. 16)

[...] o parque é criado, então como uma figura complementar no cenário das elites emergentes que controlavam a nova nação em formação e que procuravam construir uma figura urbana compatível com a de seus interlocutores internacionais, especialmente ingleses e franceses

Isto porque, com a chegada da Família Real, o país se organizava como nação, e parte dessa mudança estava na construção dos Parques Públicos. (*idem*)

Nesses espaços,

Passeia a nova aristocracia, tanto na corte como nas principais cidades, trajada especialmente para a ocasião, exibindo um vestuário à francesa e imitando os hábitos parisienses. Aqui, a industrialização e os operários seriam figuras do próximo século. A massa urbana estava praticamente alijada de tais espaços, cujo uso somente era permitido aos descentemente trajados, isto é, vestidos à semelhança dos pares europeus. [...] A maior parte das roupas totalmente inadequada a um país tropical como o Brasil (MACEDO e SAKATA 2003, p. 23)

Os espaços de lazer da massa urbana então consistiam nos espaços livres, isto é, os terreiros, as várzeas de rios, que foram verdadeiros

Antecessores das áreas de lazer urbano, do tipo praticado em parques e praças. Somente com a sua diminuição e mesmo desaparecimento, a partir da segunda metade do século XX, e com a escassez real das áreas de lazer das massas menos privilegiadas, tal tipo de equipamento urbano tornou-se uma necessidade social. (MACEDO e SAKATA 2003, p. 24)

O século XX iniciou-se de forma que a cultura do ajardinamento e as noções dos benefícios das plantas nas áreas urbanas já estavam difundidas no meio social e no meio científico. Foi também neste momento que “O processo de ajardinamento dos ‘vazios urbanos’ se registrou” (SEGAWA, 1996, p.73).

Com tais transformações modificam-se também a significação e forma dos parques, eles se tornam mais informais, seus usuários utilizam roupas mais confortáveis. Os modelos estruturais dos parques também seguem essa tendência, contrastando com os parques do século XIX e adquirindo orçamentos mais moderados com soluções mais simples, nitidamente vinculadas a contenção de custos. (MACEDO e SAKATA, 2003)

Macedo e Sakata (2003, p. 34) ressaltam a carência desses espaços quando a realidade ambiental dificultava a preservação de áreas verdes. Durante os anos de 50 e 60, em meio a intensa industrialização do país muitos locais que antes eram áreas de lazer, servindo ao banho, aos esportes, já estavam poluídas.

Rechia aponta que nos anos de 1970, o anseio por desenvolver o país, no sentido de industrializá-lo a todo custo, levava o poder público a desconsiderar os problemas sociais, dentre a falta de espaços de lazer. Com isso o parque se torna uma das únicas opções de lazer, possível as práticas parecidas com aquelas antes praticadas em áreas preservadas.

O planejamento urbano assumiu, nesse momento, um papel estratégico. Os planejadores deveriam preparar as cidades para a industrialização (sinônimo de desenvolvimento) desconhecendo ou ignorando o impacto sobre o meio ambiente. Os efeitos ambientais resultantes do processo de desenvolvimento das civilizações refletem uma das faces mais cruéis da crise contemporânea com referência à ciência e ao modelo econômico adotado pelas sociedades modernas. (RECHIA, 2003, p. 78)

Em resposta a essa demanda e a utilização do marketing municipal pautado nas “áreas verdes urbanas”, ocorre nos anos 60 um “um processo de investimento público sistemático na criação de parques, não mais voltados exclusivamente para as elites.” (MACEDO e SAKATA, 2003, p. 37)

Ainda neste momento histórico da década de 70, se consolida a “figura do parque moderno, com seu programa misto, contemplativo e recreativo, e soluções espaciais elaboradas. Não são parques grandes, mas se identificam com ele por seu programa.”. (MACEDO e SAKATA, 2003, p. 43)

3 CAMINHOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa, realizada a partir de um olhar “de perto” e “de dentro” do Parque Cachoeira privilegiou a atuação dos atores sociais comuns do cotidiano desse espaço público de lazer. Dessa forma optamos por um olhar qualitativo de pesquisa, inspirado no método da etnografia apresentado por Magnani (2002), visto que esse método permite olhar para as minúcias do Parque Cachoeira e “[...] captar determinados aspectos da dinâmica urbana que passariam despercebidos, se enquadrados exclusivamente pelo enfoque das visões macro e dos grandes números.” (MAGNANI, 2002, p. 16)

Atentamos para o fato de que

[...] não é a obsessão pelos detalhes que caracteriza a etnografia, mas a atenção que se lhes dá: Em algum momento, os fragmentos podem arranjar-se num todo que oferece a pista para um novo entendimento. Em suma: a natureza da explicação pela via etnográfica tem como base um insight, que permite reorganizar dados percebidos como fragmentárias, informações ainda dispersas, indícios soltos, num novo arranjo [...] é mais denso do que o esquema teórico inicial do pesquisador, pois tem agora como referente o concreto vivido. (MAGNANI, 2002, p. 17)

Orientada pelo seu questionamento central, esta pesquisa seguiu os seguintes passos metodológicos divididos em quatro fases. (1) Levantamento bibliográfico, (2) mapeamento e observações do Parque Cachoeira, (3) entrevistas com usuários do Parque (4) análise dos dados obtidos.

Na primeira fase pesquisou-se o estado da arte pertinente as temáticas da (1) Cidade, (2) Lazer, (3) Cultura, (4) Parques urbanos e (5) a cidade de Araucária. Para tanto foram realizados levantamentos a partir de fontes bibliográficas (livros, artigos e teses) em bibliotecas de órgãos públicos como Universidades e o Arquivo Histórico Arquelau de Almeida Torres.

Providos deste subsídio teórico, foi possível iniciar a segunda etapa da pesquisa, na qual o Parque Cachoeira foi mapeado de acordo com o protocolo de observação dos espaços e equipamentos de esporte e lazer (em anexo), formulado e aplicado em pesquisas da Rede CEDES (Centro de desenvolvimento do Esporte Recreativo e do Lazer) tendo assim uma visão

detalhada de aspectos Históricos, de acessibilidade, espaço físico, formas de usos, dentre outros.

A partir de observações *in loco* realizadas em 12 visitas ao Parque de aproximadamente 1 hora cada uma, foi possível registrar um diário de campo, no qual foram retratados, além de informações básicas como dia e horário, detalhadas observações no que se refere a predominância de público, as principais práticas realizadas e de que formas ocorriam, o clima no momento da observação, além de todos os fatos que julgamos importante de registrar.

Algumas destas observações puderam ser registradas por meio de fotografias, mas não todas, tendo em vista a não possibilidade de em todas as observações estar de posse de uma máquina fotográfica. Mas para fim de registro todos os equipamentos de Esporte e Lazer do Parque foram fotografados.

Foram realizadas vinte e sete (27) entrevistas com diferentes usuários do Parque, os quais foram qualificados segundo sua idade e sexo classificados através de Gallahue e Ozmun (2005). Dentre os entrevistados estavam seis adolescentes com idade entre 10 á 19 anos (três meninas e três meninos), seis adultos jovens, com idade entre 20 à 39 anos (três mulheres e três homens), nove adultos de meia idade com variação de 40 á 59 anos (cinco mulheres e quatro homens) além de seis idosos (três mulheres e três homens) com idades superior a 60 anos. As entrevistas foram gravadas e transcritas na integra, visando a percepção de todos os detalhes das falas.

As entrevistas seguiram um roteiro semi-estruturado (apêndice A), e a escolha dos entrevistados se deu aleatoriamente, porém com preferência àqueles que estavam sozinhos ou em pequenos grupos.

Na quarta fase deste estudo, que se encontra no próximo capítulo, nos propomos a analisar todos os dados observados, descritos, fotografados e transcritos. Tendo como base as teorias abordadas na primeira fase da pesquisa pudemos formular a analogia da *tendência da inércia social* que visa esclarecer com mais profundidade as minúcias das conexões entre espaço físico-espacial, cultura local e formas de apropriação existentes no Parque Cachoeira, a partir da compreensão das forças sociais atuantes nos espaços públicos de lazer que impulsionam ou inibem a apropriação.

4 ANÁLISE

4.1 O CONTEXTO DA CIDADE DE ARAUCÁRIA E DO PARQUE CACHOEIRA

Situada na região Metropolitana de Curitiba, a cidade de Araucária tem em sua história diversas marcas de identidade, incluindo nesse panorama seus espaços públicos de lazer, em especial o Parque Cachoeira, o maior e mais movimentado Parque da cidade.

A história da Cidade inicia-se com os índios Tinguis, primeiros moradores das terras onde hoje em dia situa-se Araucária. Em razão deles a região da cidade ficou conhecida como Tindiquera. No século XVII principiou a ocupação dos homens brancos, que sobreviviam da agricultura de subsistência, visto a ausência de mercados.

Nesta fase o espaço doméstico era o

[...] ambiente que centralizava a grande maioria dos eventos de lazer de então. Ali aconteciam as festas de casamento, os bailes, as corridas de cavalo e outros eventos, reunindo amigos e parentes. (ARAUCÁRIA, 2002, p. 15)

A economia da região seguiu se fortalecendo com a criação de um pequeno Porto, conhecido como Passo das Laranjeiras criado visto que o “Tindiquera era também passagem obrigatória entre Curitiba e Lapa. No final do século XVIII, a região produzia feijão, milho, fumo, toucinho, erva-mate e trigo.” Tempos depois, no fim do século XIX, a presença dos imigrantes transformou a paisagem através da agricultura. (PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAUCÁRIA (c), 2010)

A imigração polonesa na região de Araucária iniciou-se em Thomaz Coelho, que foi a maior colônia de imigrantes poloneses das circunvizinhanças da capital fundada por Lamenha Lins em 1876 e tinha como objetivo abastecer a capital do Estado com gêneros agrícolas. (ARAUCÁRIA [c], 2010)

Foi então que o bairro Tindiquera foi desmembrado de Curitiba e alterado para distrito, passando a se chamar Freguezia do Iguassú. Ainda no mesmo século inicia-se a

[...] corrente imigratória, isto no tempo do Império, principalmente por poloneses seguidos por alemães, italianos, ucranianos, que notavelmente deram à região um surto de progresso. Na década de 1950, iniciou a imigração japonesa. (ARAUCÁRIA, 2010)

Posteriormente a Freguezia do Iguassú, foi elevada a Vila e um ano após a queda do império no Brasil, em 11 de fevereiro de 1890 houve a emancipação e o surgimento do Município de Araucária. (ARAUCÁRIA, 2010)

Durante muitas décadas, apesar da cidade ser subdividida por cercas e quintais, Araucária foi, quase na sua totalidade, um espaço aberto através do qual as crianças brincavam livremente. Brincava-se no quintal, nas ruas, nas praças, nos bosques e matas. (ARAUCÁRIA, 2002, p. 19)

A história do Município a partir do século XX está intimamente ligada a sua industrialização e principalmente a instalação da Refinaria Getúlio Vargas em 1970 que trouxe consigo um intenso processo de modificação de seus espaços e das relações aí existentes.

A vinda dos imigrantes modificou muito dos hábitos mantidos até então, por exemplo, “na década de 40, o hábito de comemorar o Natal segundo o costume europeu era praticado por grande parte das famílias de Araucária” (ARAUCÁRIA, 2002, p. 22).

Foram os estrangeiros que impulsionaram a economia de Araucária, antes fundamentada na cultura da erva mate e das serrarias que entraram em decadência por volta dos anos 30 em razão da falta de matéria prima ocasionada pela intensa devastação ambiental. (ARAUCÁRIA, 1999, p. 26). As famílias instalaram aqui o comércio e beneficiamento de produtos agrícolas, as cerâmicas e olaria, o beneficiamento de linho e muitas outras atividades secundárias.

E ainda “se no início dos processos migratórios eram hábitos apenas dos imigrantes, com o tempo esses eventos foram se transformando na sua forma de acontecer e se disseminando entre os demais habitantes da região” (ARAUCÁRIA, 2001, p. 24)

Em Araucária no começo do século XX, não haviam ainda espaços planejados para práticas de lazer, dessa forma a população utilizava muito os espaços naturais presentes na cidade. Um deles é o Rio Iguaçu, que

[...] desde a solitária pescaria até os memoráveis piqueniques das primeiras décadas deste século (XX), onde centenas de pessoas tomavam o rumo das margens do Iguaçu em atividades de conagração e festa, [...]. (ARAUCÁRIA, 2001, p. 34)

Segundo entrevista de César Trauczynski

Com as águas cristalinas e límpidas e sem a poluição de hoje, o rio Iguaçu se constituiu num dos pontos mais atrativos do passado, das famílias araucarienses e dos visitantes de Curitiba [...]. Na época de verão esse local, próximo a primeira ponte metálica, era bastante freqüentado e tornava-se em ponto de atração turística, dada a quantidade de banhistas que se aglomeravam no local [...] (ARAUCÁRIA, 2002 p. 35)

Além do Iguaçu os rios Barigüí e Passaúna também eram muito procurados além dos tanques e da prática da caça que com o avanço do desmatamento e a ampliação da consciência ecológica foi se tornando cada vez mais escassa.

Uma das atividades mais significativas desse momento foram os piqueniques, organizados por clubes recreativos ou pelas próprias famílias,

De acordo com Cecília Grabowski Voss (ARAUCÁRIA, 2001, p. 44)

Os alemães eram muito animados [...] faziam piqueniques com banda e muita cerveja [...]. Tinha uma cervejaria em Guajuvira só para atender a família Voss [...]. Passava o carnaval não se podia dançar porque era quaresma. Então a gente tinha que inventar piqueniques [...]. Tinha o mato dos Cichon [...], na beira do rio tinha uma grama tão linda e lá também a gente fazia piquenique.

Percebemos neste depoimento a importância da religião até então, que influenciava em muitos aspectos nas práticas de lazer da população. Ainda no século XVII Impedidos de ir até a Vila de Curitiba participar de festividades religiosas, os moradores do Tindiquera aproveitavam essas datas para promover encontros festivos em suas casas. De maneira formal, as festas religiosas em Araucária iniciaram após o século XX com a Festa de Nossa Senhora dos Remédios em 1904, e posteriormente em homenagens a outros santos. (ARAUCÁRIA, 2002)

As festas dos padroeiros das capelas eram para promover encontros dos moradores no período que as antecedia. Durante as novenas, que eram realizadas na casa dos noveneiros, era comum que o dono da festa preparasse alguma coisa para comer e beber e, dessa forma, a novena acabava se transformando num encontro social. (ARAUCÁRIA, 2002, p. 53)

A partir da década de 70, Araucária passou por um intenso processo de industrialização visto que “a região Metropolitana de Curitiba passava por uma grande expansão em função do próprio crescimento da capital.” São criadas as cidades industriais de Curitiba e logo depois a de Araucária.

O processo de industrialização, que em outros municípios ou regiões, foi sendo construído lentamente ao longo de muitos anos, em Araucária, Com a Repar, teve um grande salto em menos de uma década. (ARAUCÁRIA, 1999, p. 35)

Com isso “o município necessitaria de mais escolas, água tratada, mais ruas e estradas asfaltadas, residências e também mais áreas de lazer. Era preciso atender à grande demanda de operários e técnicos que vinham de todo o país [...]” (*idem*)

Passada esta onda inicial de desenvolvimento econômico, no ano de 1980 é criado o Museu Tingui-Cuera no barracão onde nos anos 40 funcionava a fábrica de extrato de tomate e pimentão do Empresário Arquelau de Almeida Torres. Dois anos após a criação do museu é inaugurado o Parque Cachoeira, que atualmente é uma área que forma a Unidade de Conservação Municipal, com uma área de 305.700 m², localizado no Jardim Iguaçu, Bairro Cachoeira, entre as ruas Ceará, Santa Catarina, Av. Manoel Ribas e Rua Rio de Janeiro com continuação pela Rua Maria K. Moll até a Rua Espírito Santo. (OLIVEIRA FILHO, 2005).

4.2 AS FORÇAS SOCIAIS ATUANTES NO PARQUE CACHOEIRA

Após realizar a pesquisa bibliográfica, a pesquisa de campo, e subsidiados pelas reflexões do GEPEC¹, percebemos que a correlação entre estrutura físico-espacial, a cultura do Parque Cachoeira e as formas de apropriação podem ser analisadas de maneira mais profunda sob a ótica da tendência da inércia social, a qual depende das forças sociais influentes sobre a dinâmica da apropriação.

Tais forças estão relacionadas diretamente com a cultura local e o espaço físico – espacial do Parque, na medida em que derivam desses dois conceitos básicos.

¹Grupo de Estudos e Pesquisas em Lazer, Espaço e cidade inserido no Centro de Pesquisas em Esporte, Lazer e Sociedade (CEPELS) da Universidade Federal do Paraná. Atualmente este grupo desenvolve as seguintes pesquisas: “Análise dos Espaços e Equipamentos de Esporte e Lazer do Estado do Paraná”, a qual faz parte do Projeto “Diagnóstico das políticas públicas de Esporte e Lazer do Estado do Paraná”, em andamento desde 2005 com a implantação do Programa Rede Cedes na UFPR/DEF, financiado e gerenciado pela Secretaria Nacional do Esporte e do Lazer (SNDEL) do Ministério do Esporte; Projeto “Univer-cidade: um giro pela cidade brincando, aprendendo e conservando”, também financiado pela SNDEL através do Programa Esporte Lazer na Cidade (PELC) e pela Pró-Reitoria de Extensão da UFPR; Projeto “A escola e os espaços lúdicos”, financiado pela Pró-Reitoria de Graduação da UFPR; Projeto SESI/CEPELS intitulado “Análise sobre os espaços e equipamentos de esporte e lazer das indústrias do Paraná”.

A reflexão acerca da inércia social derivou de pesquisas realizadas no ano de 2009 durante a realização do Programa de Esporte e Lazer da Cidade² (PELC) vinculado à Universidade Federal do Paraná (UFPR), desenvolvido na região do bolsão de pobreza da Vila Audi - União, no Bairro Uberaba em Curitiba – PR.

Após observarmos atentamente a dinâmica de algumas práticas que ocorriam no PELC, percebemos que seria possível e interessante, no sentido de ilustrar essa dinâmica da apropriação, realizar uma analogia com um princípio da física.

Desse modo, o princípio da inércia discursa que, “Na ausência de forças todo corpo fica como está, parado se estiver parado e em movimento se estiver em movimento” (GASPAR, 2007, p. 80). Porém o que percebemos é que no mundo físico vivido a ausência total de forças não é uma constante, aliás, é muito difícil que ocorra.

Desse modo, não é possível afirmar que no mundo físico vivido qualquer objeto ficará imóvel para sempre ou continuará em movimento para sempre, pois isso dependerá das forças físicas que estão atuando sobre ele, a impulsão, a resistência, a gravidade e etc..

Nesse sentido, de forma análoga ao princípio da inércia, admitimos a existência da **tendência da inércia social**, a qual dependerá, assim como a inércia física, de forças atuantes. Na analogia utilizada estas forças serão denominadas como **forças sociais**, compreendidas como,

ações individuais e coletivas emergentes da sociedade, que de alguma forma, irão agir sobre a mesma. Tomando o caso específico dos espaços públicos constituídos no âmbito do lazer, isso ocorre em dois sentidos: na apropriação ou na desapropriação por meio de diversificadas práticas sócio-culturais. (VIEIRA DOS SANTOS; RECHIA; TSCHOKE; VIEIRA, 2010, p. 3)

Sendo assim, refletimos que na ausência de forças sociais todo espaço público que está apropriado permanece apropriado e todo espaço público que está desapropriado permanece desapropriado. Porém, o que se percebe é que, assim como o mundo físico vivido, o qual possui forças constantes, também é o mundo social e abstrato vivido. Neste, as forças sociais também atuam a todo instante de forma simultânea.

² Programa Implantado e gerenciado pela Secretaria Nacional de Desenvolvimento do Esporte e do Lazer, SNDEL, do Ministério do Esporte, neste caso em parceria com a Universidade Federal do Paraná, sendo o núcleo em questão localizado na cidade de Curitiba, em uma região do bairro Uberaba

Vale ressaltar que,

Nesse plano (social), não há leis estanques, sendo assim não se trata de uma lógica de ação e reação. O princípio da inércia, nesse caso, não poderia ser utilizado na sua forma original para descrever um fenômeno sociológico, visto que a lei da física é uma regra geral, enquanto a “inércia social” refere-se a singularidade de cada local. Esta visão parte do pressuposto de que cada pessoa possui sua individualidade e certo nível de autonomia perante suas escolhas. Os sujeitos muitas vezes podem escolher onde querem ou não estar, mas precisamos atentar para o fato dessas escolhas serem construídas historicamente pelo indivíduo e influenciadas pela sociedade na qual está inserido.

Percebemos também que o movimento ou o vazio gerado nos espaços de lazer pode ser iniciado ou retido por diversas questões, dentre elas a violência, a moda vigente, insegurança, hábitos, autonomia individual. (VIEIRA DOS SANTOS; RECHIA; TSCHOKE; VIEIRA, 2010, p. 3)

São a partir destas reflexões que nossas considerações serão balizadas, desse modo abordaremos as forças sociais que percebemos presentes na dinâmica da apropriação do Parque Cachoeira, sendo estas a *estrutura*, *estética*, a *segurança*, o *movimento*, a *liderança* e o *pertencimento*. Salientamos que tais forças estão imbricadas, no sentido de não existirem sós no espaço, e nem são estanques, isto é, elas se permeiam e se misturam numa trama complexa.

Nos fatos que abordaremos adiante podem ser citadas outras forças também atuantes, porém para fins didáticos compreendemos que a melhor forma de elucidar esse fenômeno seja dessa forma, citando as forças sociais que visualizamos no Parque e cenas observadas onde isso se torna mais visível.

4.3 ESTRUTURA

A *estrutura* pode ser vista como uma força social na medida em que é planejada e executada por determinadas pessoas, visto a atender certos objetivos, no caso do Parque Cachoeira a Prefeitura Municipal, mais especificamente a Secretaria Municipal do Meio Ambiente (SMMA), a qual tem sua sede no interior do Parque.

O Parque Cachoeira é um dos espaços mais significativos em Araucária em termos de estrutura para o lazer, em razão disso, comparado a outros espaços de Araucária, ele é um diferencial.

Na figura a seguir é possível através da legenda perceber diversos os atrativos do Parque: (1) Gramado 1, (2) Gramado 2, (3) Gramado 3, (4) Campo de futebol e Pista de Corrida, (5) Academia da Terceira idade, (6) Quadras de cimento, (7) Parquinho e Mirante do Lago, (8) Museu Tingui-Cuera e casa do Artesanato, (9) Aldeia da Solidariedade, (10) Bosque com Churrasqueiras, (11) Ginásio Joval de Paula Souza, (12) Quadra de cimento e (13) Ponte da Cachoeira.



Figura1 - VISTA PANORÂMICA DO PARQUE CACHOEIRA.

Fonte: Google maps, 2010.

Através da figura verificamos o grande espaço do Parque, que conta de acordo com a Prefeitura Municipal (2010) 300.000 m², com uma grande diversidade de equipamentos presentes, que servem a diferentes objetivos conforme o horário e dia observado.

Desse modo, os conceitos de Jacobs (2000) de uso principal e usos combinados podem ser visto em prática, pois os usos principais podem ser observados no entorno do Parque como as moradias, o Colégio Estadual Arquelau de Almeida Torres e o Posto de Saúde Santa Mônica e o Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI).

Essa estrutura é um diferencial, comparada a dos outros Parques de Araucária. Dentre os quais existem o Parque do Passinho que não é aberto á visitação, o Parque Ambiental do Passaúna, que está interdito e o Parque das Pontes, ilustrado na imagem a seguir. Ele é composto por um portal de entrada,

alguns bancos e mirantes e “não dispõe de equipamentos de apoio ao visitante, tais como sanitários e lanchonetes”. (PMA, 2010) A partir dessas informações, verificamos que o Parque Cachoeira é o único espaço público na cidade de Araucária com características de Parque, com uma estrutura de grande porte e com equipamentos diversificados de esporte e lazer.



Figura 2 - PARQUE DAS PONTES.
Fonte: PMA (c), 2010

Interno ao Parque Cachoeira os usos considerados principais, em razão de “atraírem” os sujeitos ao Parque são: as aulas oferecidas na Aldeia da solidariedade e os treinos no campo de futebol e no ginásio Joval de Paula Souza (os quais constituem o Núcleo Esportivo Parque Cachoeira) e a sede da SMMA. Nesse sentido, na observação do dia 13/09, no período da tarde verificou-se que, na academia da terceira idade, alguns adolescentes que aguardavam o treino de futebol realizavam alguns exercícios, mas sem muita preocupação com a seriedade na realização.

Percebeu-se com esse fato que o “compromisso” do usuário em participar de uma atividade sistemática, organizada e de certa forma principal, possibilita a experiência do Lazer nos interstícios de tempo entre o início e o fim do uso principal.

Segundo um usuário do sexo masculino

“(O Parque) possui um grande espaço né? E tem uma guarda que pode também nos guardar e é um lugar que frequenta todas as pessoas né? Eu acho que pra nós aqui de Araucária é um dos melhores lugares que tem, apesar de que tem outros lugares aí né? Mas aqui é bom. Realmente é muito bom”. (M. 50 anos, grifo nosso)

Dessa forma gostaríamos de salientar que uma estrutura contemplada por ações sistemáticas que utilizem espaços e equipamentos diversificados dentro da estrutura do parque, além de estabelecer relações com elementos urbanos do entorno como colégios, creches, postos de saúde, residências, podem gerar tanto a potencialização dos usos principais quanto oferecer subsídios para os usos derivados. Neste caso contribuem para que um espaço como o Parque Cachoeira tenha vida cotidiana permanente.

Percebemos também uma atração entre os usos principais e os usos derivados, pois tendem a ocorrer com mais facilidade quando relacionados, como no caso de um dos usuários, que relatou ir ao parque toda vez que vai buscar o filho na creche, todavia se a creche não fosse próxima desse espaço isso dificilmente iria ocorrer.

Porém em alguns momentos durante as observações percebemos que algumas estruturas do Parque estão sub-utilizadas, no sentido de poderiam ser utilizadas por ações diferenciadas, mas não o são. Como no exemplo da fotografia a seguir, um anexo que há atrás do Museu Tingui-Cuera que oferecia aulas de pintura, artesanato, artes plásticas dentre outras e no qual atualmente não ocorre nenhuma atividade formal.



Figura 3 - ANEXO DO MUSEU TINGUI – CUERA.

Fonte: A autora. 2010.

Além desse anexo, o espaço voltado a literatura infantil denominado “Casa das palavras brincantes” deveria realizar suas funções numa das salas do Museu, porém este permaneceu fechado para reforma do Prédio durante o período das observações, neste caso não foi possível confirmar tal utilização.

A estrutura do Parque se revela de tal importância para a cidade que desde pelo menos o ano de 1983 a festa típica do “Pêssego e do Ovo”, retratada nas imagens a seguir, atualmente titulada apenas de “Festa do Pêssego” é realizada nesse espaço em razão de sua extensão e da boa localização geográfica na cidade, visto que está muito próximo do Centro da Cidade. Por esse motivo o Parque possui uma grande visibilidade na cidade de Araucária e inclusive nas cidades no entorno, fazendo com que o Parque seja ainda mais reconhecido.



Figura 4 - FESTA DO PÊSSEGO E DO OVO DE 1983.

Fonte: OLIVEIRA FILHO, 2005.



Figura 5 - FESTA DO PÊSSEGO E DO OVO. s/d.

Fonte: Arquivo Histórico Arquelau de Almeida Torres, 2010.

Realizada sempre no mês de dezembro, a festa tem o intuito de “Divulgar e comercializar o produto e subprodutos do Município no Estado do Paraná. Além de proporcionar à população um espaço de lazer e cultura.” (PREFEITURA MUNICIPAL, 2010)

Quanto a questão da estrutura podemos citar duas passagens das entrevistas com os usuários do Parque,

“[...] eu, na minha opinião, se eu morasse num lugar que não tivesse um parque igual esse aqui eu me mudaria pra um lugar que tivesse [...]” (N. masculino, 52 anos)

Isso demonstra a forte relação do cidadão com a estrutura do Parque, o que deve estar relacionado com as vivências e sentimentos experienciadas por ele naquele espaço ou em outros com características estruturais semelhantes.

E ainda na fala de uma usuária que é natural de Salvador - BA e está morando a três meses em Araucária, percebemos a importância de um espaço bem estruturado.

“Nossa! é assim, como lá em Salvador não tem isso eu acho que os governantes de lá poderia se espelhar em fazer esse tipo de parque lá também, por que eu acho que os idosos, até as crianças mais gordinhas, a gente mesmo adulto é maravilhoso ter um parque desses na cidade. Lá não tem né? E como eu tenho amizade um pouco com o pessoal de lá da prefeitura, eu vou tirar umas fotos quando eu voltar eu vou mostrar para eles, mostrar para eles o projeto que eu achei muito legal” (C. 26 anos)

Fazem parte da força da estrutura as características de acesso e acessibilidade. Compreendemos que “um ambiente acessível é aquele onde é possível o acesso.” (MORAES, 2007, p. 24) Além disso, um ambiente inacessível pode conter diversas formas de barreiras, que se encontram classificadas em: atitudinais, físicas (fixas e dinâmicas) e de Informação. (*idem*, p. 25)

O conceito de acessibilidade é compreendido como algo mais amplo que acesso, de acordo como Milton Santos (1998, *apud* MORAES, 2007, p. 26)

Mais do que um direito à cidadania, o que está em jogo é o direito a obter da sociedade aqueles bens e serviços mínimos, sem os quais a existência não é digna. Esses bens e serviços constituem um encargo social, através das instâncias do governo, e são devido a todos. Sem isso, não se dirá que existe o cidadão. (...) A acessibilidade compulsória aos bens e serviços sociais seria uma parte obrigatória dos diversos projetos nacionais

No Parque foi possível observar que sua estrutura permite acesso físico à grande parte dos ambientes construídos, como às quadras, à pista de atletismo, aos gramados (via caminho pavimentado), os banheiros e à frente da Casa do artesanato. Porém alguns locais são de difícil acesso, como o interior da casa do artesanato que possuem uma escada e porta estreita, o bosque com churrasqueiras é inteiro de grama (percebe-se que poderiam haver caminhos pavimentados que possibilitassem a passagem de pessoas com mobilidade reduzida), o parquinho é inteiro cercado por uma pequena mureta de contenção da areia (que se torna uma barreira física fixa, na medida em que não permite o acesso com autonomia a um cadeirante por exemplo).

Todavia não somente de rampas se constitui o acesso, em nenhuma das observações se encontrou adaptações no que se refere às pessoas com deficiência visual, auditiva, como sinais luminosos ou sonoros. Segundo Duarte e Cohem (2010, p. 82),

os espaços inacessíveis para pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida dificultam os processos de afeto e construção do Lugar, impedindo muito mais do que o acesso, já que interferem na sua construção identitária e na sua relação com o Outro.

E dessa forma se qualquer indivíduo, não consegue chegar a um determinado espaço, é evidente que não ocorra a apropriação.

É por essas razões que compreendemos a estrutura como uma força social, e que no parque Cachoeira tem grande influência e que contribui à apropriação, visto a grande estrutura que ele possui, porém necessita de melhorias, visto que não é acessível a todos.

4.4 ESTÉTICA

Segundo o dicionário Aurélio a estética pode ser compreendida como o “estudo das condições e dos efeitos da criação artística” (FERREIRA, 2000, p. 295), porém em seu sentido filosófico pode ser compreendida sob diversas formas dependendo da ótica do autor que pretende-se estudar, temos como exemplos as considerações de Hegel em 1952³ ou de Kant em 1993⁴, além de outros autores.

De acordo com Tamakil (2001) a estética é a ciência do belo, e ainda que

Na arquitetura, a maneira de exprimir a beleza, expressão estética, é resolvida pelo volume e sua forma, pela estrutura, pelos materiais de acabamento, pelas cores, pelas aberturas, pelos detalhes construtivos, e também pelos ornamentos e decorações de vários períodos históricos.

Desse modo trataremos estética, como uma força social atuante nos espaços públicos de lazer, na forma de um adjetivo referente à beleza desse espaço, e às sensações e sentimentos positivos que este pode provocar nos seus usuários.

Isto por que o direito ao lazer inclui o direito à apropriação dos espaços públicos destinados as práticas realizadas nesse tempo e espaço. Percebemos através das observações e entrevistas que essa apropriação é influenciada pela beleza do lugar em questão, no caso do Parque Cachoeira.

A preocupação em planejar tais locais tendo em vista a evocar boas sensações é primordial visto que a cidade assim como seus equipamentos

sin estética no es ética; El urbanismo es algo más que una suma de recetas funcionales; La arquitectura urbana es un plus a La construcción. El plus es el sentido, El simbolismo, El placer, La emoción, lo que suscita una

³ HEGEL, G. W. F. *Estética. A Idéia e o Ideal*. Tradução de Orlando Vitorino. Lisboa: Guimarães Editores, 1952

⁴ KANT, Immanuel. *Crítica da faculdade do juízo*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.

reacción sensual. La ciudad Del deseo es La ciudad que se hace deseable y que estimula nuestros sentidos (BORJA, 2000, p. 28)

Com isso percebemos que uma atitude cidadã quanto a esses espaços depende do usuário sentir-se “integrado física e simbolicamente à cidade”. (*ibidem*)

No Parque através das entrevistas algumas pessoas denotaram em dois sentidos a importância dos recursos naturais conservados no parque, principalmente quanto às árvores e o rio. Primeiro, no sentido da beleza, do bem estar e da sensação de liberdade que esses espaços produzem e em segundo lugar a preocupação com a conservação de recursos naturais. Segundo algumas passagens, “o ambiente é bem aconchegante, árvores, o ar mais puro” (R. masculino, 33 anos), e ainda

“[...]você vem passar o fim de semana,[...] você pode vim almoça com a família né?Que tem a churrasqueira em baixo das arvores, [...] você pode brincar com as crianças, eu acho muito legal, tem as arvores tudo que você pode[...] vim, sentar, fica a vontade com as crianças, não tem perigo de nada.[...] (J. feminino, 40 anos)”

Segundo Borja (2000, p. 84) a paisagem faz parte do urbanismo não como um complemento, mas sim como um elemento fundamental, isso por que a cidade densa e consolidada necessita de espaços respiráveis, precisa de beleza e de elementos que qualifiquem os espaços públicos vividos, fazendo do paisagismo⁵ um elemento ordenador na cidade.

Já comentamos no sub-capítulo referente ao lazer, sobre o tópico espaço e lugar, no qual intuimos que esse fato social é um “condicionante condicionado”, subsidiado pelas observações e entrevistas verificamos que a estética é uma força que pode condicionar os cidadãos à utilizar os espaços, ou na maneira como eles são utilizados. De acordo com uma das usuárias quando indagada sobre os pontos positivos do Parque ela comentou que eram o Parquinho e as quadras, os quais segundo ela eram os mais “cuidados”, isto é, os que recebem mais manutenção e conseqüentemente mais belos .

A academia um equipamento recente no Parque, retratada na figura a seguir, foi inaugurada no início do mês de outubro é um dos pontos mais significativos no que se trata da estética, pois como um equipamento novo ela é esteticamente

⁵ Consiste na criação de espaços funcionais, agradáveis e bonitos, utilizando plantas e outros elementos decorativos. (IBRAP, 2010)

bonita, principalmente em contraste com outra área de ginástica, na outra figura, já presente no Parque anteriormente, a qual é feita de madeira e barras de ferro.



Figura 6 - ACADEMIA DA TERCEIRA IDADE.

Fonte: A autora, 2010



Figura 7 - ÁREA DE GINÁSTICA.

Fonte: A autora. 2010.

As principais diferenças entre esses dois equipamentos de semelhante objetivo são a cor, o movimento, a novidade, a localização dentro do parque, os quais estimulam muito mais os sentidos que a área de ginástica com sua forma

estática, sem cor, sem movimento e a localidade que apesar de estar próximo, parece ficar fora da área de mais movimento do parque que possui.

Durante as observações foi notável a diferença de movimento desses dois equipamentos, além do que, nas entrevistas a academia ser citada por 15 usuários num total de 26, como um dos equipamentos mais utilizados no Parque ou como um dos pontos positivos do mesmo, já a área de ginástica não foi citada em nenhum momento.

4.5 SEGURANÇA

A segurança é sem dúvida uma das forças de maior importância quando se trata de permanência ou não em um local seja ele público ou privado, isso por que diz respeito a integridade física dos sujeitos e daqueles que o acompanham.

Nesse sentido, no Parque Cachoeira durante as observações foi constatada a presença constante de Guardas Municipais. Além das rondas com viaturas, inclusive do apoio tático da Guarda Municipal.

Porém, mesmo com essa medida da Prefeitura Municipal com relação a segurança pública, 25% dos usuários entrevistados relatou que um dos pontos negativos do parque seria a falta de segurança, em contraste a isso a maioria dos usuários não citaram a segurança do Parque como um ponto negativo e alguns atribuíram ao Parque a característica de ser um local seguro. Com isso percebemos que a segurança é um sentimento subjetivo, fundamentado em situações como o tipo de público e confiança nos guardas do Parque.

Vejamos em algumas passagens:

“Negativo é a falta de segurança aqui. Que devia ter o posto da guarda municipal aqui na entrada do Parque, e mais guarda municipal cuidando dos bens públicos.” (N. masculino, 52 anos)

“Negativo, acho que segurança né...não tem nenhum guarda municipal aqui...geralmente tem usuário de droga a noite...de manhã, as vezes sábado de manhã tem usuário de droga” (M. masculino, 30 anos) Ainda segundo este mesmo usuário:

“Tinha o CSU⁶ lá, mas eu parei de freqüentar justamente por usuários de drogas, eu não me sentia seguro de ir a noite lá até por que aqui é mais aberto você pode...

Fuga?

É tem mais chance de reação, lá é fechado então você não consegue, você ta numa arapuca ali né? Fica preso, por isso que eu prefiro vir aqui, e aqui tem mais gente também, a noite geralmente tem mais famílias e tal e lá é complicado, não vai muita família assim” (M. masculino, 30 anos)

Segundo outra usuária (feminina, 26 anos) que não ainda não está habituada ao Parque:

“Bom, como eu não sou daqui [...] eu não sei bem o que acontece realmente aqui. Se têm assalto, mas diz os moradores daqui que falta de segurança um pouco, por que diz que uma pessoa já foi estuprada aqui, diz que tem pessoa que já foi roubada, então um pouco de insegurança né? Como eu não [...] sou daqui, fica um pouco difícil dizer para você quais são os pontos negativos, mas conversando com as pessoas que já são daqui falaram que é mais pivetinho que vem usar droga, coisas assim. Se tivesse segurança, uns guardas, seria bem melhor para população né?”

Segundo JACOBS (2000, p.30) não são necessários muitos casos de violência em um espaço para que os usuários se sintam inseguros e comecem a diminuir o uso desses espaços.

Podemos visualizar o estado da segurança no Parque Cachoeira através da fala desta usuária, segundo ela:

“a única coisa que é de ruim aqui é quando reúne essas piazzadas malquerada sabe...á eles destroem tudo.

Vandalismo?

É vandalismo esses daí é o medo da gente sabe é isso daí mas no mais ta tudo bom, sabe e no mais falta de segurança sabe, por que não tem, a pouca segurança que tem aqui daí eles vê, mas faz que não vê, ta entendendo? Eles tão aí eles vê o vandalismo, mas faz que não vê. Você ta entendendo? Eu não sei se tem medo ou o que que é. É só isso daí.” (A. feminino. 62 anos, grifo nosso)

Com estas entrevistas percebemos que há a presença de guardas municipais no Parque, porém para uma parcela dos usuários isto não é suficiente para garantir a segurança do local, pois a última fala apesar de haver a segurança os guardas não

⁶ Centro Social Urbano – Importante espaço de Esporte e Lazer da Cidade de Araucária, composto por diversos equipamentos como ginásio, quadras, piscinas e pistas de caminhada.

agem com o rigor que deveriam principalmente no que se refere ao vandalismo. Segundo a Prefeitura Municipal de Araucária (c, 2010) é missão da Guarda Municipal

Exercer segurança preventiva dos próprios municipais, praças, jardins, teatros, museus, escolas, cemitérios, feiras livres, visando protegê-los contra danos e atos de dilapidação do patrimônio público

Alguns usuários como analisamos pelas entrevistas, nem ao menos sabem que o Parque possui guardas constantes, e que alguns percebem o espaço do Parque como mais seguro em razão da sua apropriação.

Nas observações percebemos que os guardas que permanecem no Parque são senhores já idosos, o que pode explicar a presença deles não passar a sensação de segurança, pois numa ocasião de necessidade de força física eles não teriam condições físicas de proteger. E ainda poucas vezes pudemos ver eles andando por todo o parque, os locais predominantes das rondas são a parte superior da aldeia da solidariedade, onde localiza-se a coordenação da Aldeia e próximo ao Museu, onde permanecem poucas pessoas. Segundo Rechia (2006, p. 167)

se considerarmos a falta de segurança um dos maiores problemas das grandes cidades, concluiremos esta questão pode estar influenciando diretamente a fruição do lazer em espaços públicos. Tal fato demonstra que não basta beleza natural e paisagismo impecável, se os usuários desses espaços não se sentem seguros para vivenciá-los.

Apesar de alguns usuários fazerem referência a insegurança no Parque, percebemos que este sentimento é principalmente uma sensação, isso por que nenhum deles relatou já ter sofrido alguma violência no Parque, isto é, de forma objetiva.

Foi percebido no Parque um possível local de consumo de drogas, em razão de espaços mais afastados com restos de cigarros no chão e um pichamento que chamou muito a atenção durante as observações, não pelo seu tamanho, relativamente pequeno, mas pela sua localização, a inscrição ficava de frente para as quadras de cimento e pela sua mensagem, escrita de forma bem legível estava a frase “vida loka, maconha aqui”. Salientamos que apesar de ilícito e considerado imoral por grande parte da sociedade, tais atividades também são uma forma de apropriação do espaço.

Percebemos que essa sensação é amenizada com a presença de outras pessoas que garantem a vigilância constante no espaço. Com essa consideração podemos elucidar o fato de a maioria dos usuários permanecerem nos mesmos locais do parque, o parquinho, as quadras de cimento, a academia e o campo/pista.

Nesse sentido percebemos que a principal forma do Parque de oferecer segurança aos seus usuários é ser atrativo, visto que a partir disso irá atrair as pessoas para então tornar-se seguro, numa imbricada dependência do movimento, abordado mais profundamente no próximo tópico

4.6 MOVIMENTO

O *movimento*, o fluxo e permanência de pessoas em um determinado ambiente pode ser uma força de atração dos espaços de lazer de uma cidade, pois além de, como já comentamos, gerar segurança aos presentes, sabemos que “o prazer das pessoas de ver o movimento de outras pessoas é evidente em todas as cidades”. Jacobs (2000, p.40) ressalta que a origem dos espaços Públicos surge da “[...] necessidade de contato, comunicação, organização e troca [...]”, sendo assim, quanto mais pessoas, mais trocas, mesmo que estas sejam apenas o encontro com o outro e com o diferente.

Percebemos também numa menor escala que essa força de atração tem um determinado limite, e que a partir daí converte-se em uma força de repulsão. Tal limite é atingido quando determinado espaço está saturado de movimento, e que ficar aí já não é mais agradável ou quando o público que está se apropriando não gera a segurança necessária a permanência dos sujeitos.

No Parque Cachoeira percebemos que o movimento desse espaço e do seu entorno é uma força que atua de forma direta e intensa na sua apropriação, e com menos força na desapropriação, tendo em vista o fenômeno que já descrevemos.

Através das observações notamos que um sinal para “medir” o movimento do Parque são os vendedores ambulantes ali presentes, pois essas pessoas que dependem diretamente do movimento do Parque para aumentar suas vendas possuem um grande conhecimento empírico da dinâmica do Parque e dos dias e horários em que há um maior fluxo de pessoas.

Percebemos esse fato contrastando os horários e locais de permanência desses vendedores no Parque, visto que, há mais vendedores onde há mais movimento, são eles entre o Parquinho e o lago, entre as quadras e o campo de futebol, em menor intensidade na entrada do Parque próxima do Ginásio e recentemente próximo da Academia da Terceira idade.



Figura 8 - VENDEDORES AMBULANTES E GRUPO DE ADOLESCENTES COMENDO PIPOCA E OLHANDO O MOVIMENTO

FONTE: A autora. 2010.

Uma das atividades características típicas do parque é comprar um saquinho de pipoca e consumir apreciando a paisagem e principalmente para as famílias com crianças, jogar pipocas para os gansos e patos. É nesse ponto da cultura do parque que percebemos como é fundamental para a vida desse espaço o fluxo de pessoas, a presença dos vendedores e a estrutura do espaço que permite a existência de gansos nesse local, materializando essa imbricada conexão entre espaço, forma de apropriar-se dele e cultura do local.

O movimento como força deriva ainda dos primeiros parques na Europa, dos quais tratamos no capítulo anterior e nos quais era comum a prática do “ver e ser visto”. No Parque Cachoeira isso pode ser observado no fato de os usuários permanecerem por algum tempo nos locais onde se tem mais visibilidade do Parque e das pessoas, e também onde era possível ser visto por grande parte de pessoas, como a ponte de ligação do parquinho e das quadras de cimento, a qual fica muito

cheia principalmente de meninos olhando as meninas, o gramado “3” que dá vista para quem está saindo do campo de futebol, o “banco” que cerca a Academia da terceira idade e os bancos no entorno das quadras de cimento.

Além disso, é recorrente a prática do passeio, de ir de um local para outro no interior do Parque, no intuito de ser visto pelas pessoas que ali estão, enfim um grande desfile nesse espaço público.

Esse fato pode ser observado em alguns momentos no meio de semana e de forma aguda nos fins de semana, pois é o tempo onde os usuários têm o tempo disponível de estar no Parque no qual transitam mais bem arrumados e os grupos de jovens e adolescentes e casais praticam a “paquera” o “ficar” e o namoro.



Figura 9 - MOVIMENTO DO PARQUE NO DOMINGO: QUADRAS DE CIMENTO.

FONTE: A autora. 2010

Como discutiremos anteriormente o movimento pode ser uma grande força de atração da apropriação, porém pode gerar também o afastamento de certos usuários. Nesse sentido pudemos visualizar isto em alguns momentos do trabalho de campo, dentre eles numa cena de um dia de meio de semana a tarde um grupo grande de meninos que esperava o início do treino de futebol no campo, brincavam na academia da terceira idade. Certo momento chegou uma mulher aparentemente adulta, jovem com roupas características de ginástica (legging, regata, tênis e boné) parou próxima a academia e ficou algum tempo apenas observando. Sua atitude

transparecia sua vontade de utilizar esse equipamento do Parque, porém a presença dos meninos parecia criar uma barreira para isso.

Durante as entrevistas poucas pessoas responderam não vir ao parque nos fins de semana pelo fato dele estar muito cheio, muito movimentado, isso por que o principal objetivo delas era o interesse físico – esportivo. Isto é, utilizar a pista e a academia principalmente, e durante o tempo do fim de semana esses espaços são apropriados com outros objetivos, como o do passeio e da brincadeira. Nesse caso, a diferença dos objetivos dos grupos provoca essa divisão. Essa segregação pode chegar ao nível do medo e nesse tange a força social da insegurança.

4. 7 LIDERANÇA

Essa força atuante no Parque Cachoeira advém da autonomia individual de seus usuários, os quais podem gerar forças coletivas impulsionando a apropriação deste espaço. Ressaltamos que

a autonomia individual é pré-requisito para a constituição de forças coletivas, pois consiste na possibilidade do sujeito ter um projeto de vida singular, definir e defender a própria dignidade mesmo diante de obstáculos com que todos se deparam, em variados graus. Uma vez conquistado esse direito, poderão surgir forças coletivas, as quais se potencializam quando conseguimos pensar e agir para além de nós como indivíduos. (VIEIRA DOS SANTOS; RECHIA; TSCHOKE; VIEIRA, 2010, p. 3)

Defendemos assim uma “apologia do individual, mas não do individualismo”. Isto é, inicialmente deve-se viver de forma relativamente plena a vida pessoal para depois viver de forma articulada e conseqüentemente situar-se em redes de relações sociais. Para Bauman e May (2010, p.24)

Dessa maneira,

as redes de relações sociais se constituem a partir do agrupamento de sujeitos que se unem por afinidades e com interesses comuns. Tais redes possibilitam a potencialização de forças coletivas capazes de atuar no campo social e político. VIEIRA DOS SANTOS; RECHIA; TSCHOKE; VIEIRA, 2010, p. 3)

Para Bauman e May (2010, p.27) “os sujeitos unidos coletivamente geram a capacidade de resistir à coercitiva regulação da vida individual, é o poder dos sem

poder”. Nesse sentido, a força coletiva transforma o vazio espaço do Parque Cachoeira em um movimentado lugar, cheio de sentido e significativo, apropriado pelos seus usuários.

Percebemos que a força da liderança pode ocorrer de duas formas distintas, são elas a liderança formal e a informal.

A liderança *formal* diz respeito à ação de “líderes” vinculados a determinados grupos em razão de alguma instituição que os confere certo poder sobre este grupo, esse liderança pode agir de forma a propiciar oportunidades à apropriação conscientemente ou não disso. Exemplo desse fato se deu numa manhã de meio de semana no Parque Cachoeira, no qual a medida que o horário se aproximava das 8 horas da manhã era nítido o aumento do número de pessoas no parque, mas com a concentração ainda na pista e na academia. Próximo também desse horário chegou ao Parque um grupo de crianças de aproximadamente quinze 15 alunos do ensino fundamental da Escola Municipal Arquelau de Almeida Torres, acompanhadas por uma professora de Educação Física. Esse grupo permaneceu em uma das quadras de cimento tendo aula de Educação Física.

Enquanto isso um grande grupo de mulheres, algumas aparentando meia idade e outras idosas chegaram acompanhadas também por uma Professora de Educação Física e dirigiram-se à Academia da Terceira Idade, A professora que estava com elas demonstrava e prescrevia os exercícios que deveriam ser realizados por elas.

Próximo das 08h30min chegou mais um grupo ao Parque, da mesma escola que as crianças, esse grupo era uma turma de adolescentes, acompanhados também de um professor de Educação Física, mas diferentemente das crianças não possuem atividades orientadas, a maioria fica próximo às quadras de cimento ou caminhando pela pista de atletismo.

Tendo em vista esse fato podemos perceber como as lideranças formais têm o poder de “dar vida” aos espaços públicos sejam elas professores, orientadores, estagiários, monitores e etc.. Nesta cena em especial observamos a potencial atuação da Educação Física, e salientamos a relação direta que esse campo do conhecimento possui com a educação para e pelo lazer, já discutida anteriormente, e que neste caso do Parque oportuniza a apropriação do espaço público por meio de experiências lúdicas.



Figura 10 - ESTAGIÁRIA DA SMEL, EXEMPLO DE LIDERANÇA FORMAL.

FONTE: A autora, 2010.

A liderança *informal* ocorre quando o “líder”, isto é, o sujeito que possui a autonomia individual necessária para influenciar outras pessoas a também se apropriarem dos espaços públicos, o faz a partir de sua ação intrínseca e cotidiana, percebemos ainda que essa posição de certo poder é dinâmica, visto que a posição de líder pode modificar-se, tendo em vista a informalidade. São exemplos desse tipo de lideranças no Parque Cachoeira: pais, amigos, irmãos, namorados e etc.

Essa força social reflete o fato dos espaços de lazer serem apropriados mais facilmente pelos usuários quando estes estão em grupos articulados pelas lideranças informais. Quais sejam elas, famílias, grupos de amigos, casais de namorados e etc.

No Parque diversas foram as vezes em que presenciamos a ação das lideranças informais, como uma mãe ensinando seu filho a andar de bicicleta, crianças brincando e passeando em grupo ou com suas famílias, grupos de adolescentes, grupos de mulheres caminhando juntas dentre outras formas, dentre as quais destaca –se uma muito interessante. Vários grupos de homens adultos naturais de outros estados do Brasil e que estão em Araucária visto as obras de ampliação na Refinaria Getúlio Vargas, foram ao Parque numa manhã de fim de semana organizaram um jogo de futebol organizado, com uniformes e Juiz, no Campo do Parque. Além desse fato era possível notar que quando os jogadores que chegavam sozinhos agiam de forma diferente daqueles que chegavam em duplas ou

grupos, que falavam alto, escutavam som de celular alto e andavam mais a vontade no parque, já aqueles sozinhos chegavam mais timidamente e não explorando as potencialidades do Parque, como os caminhos, a academia, as quadras se dirigiam diretamente ao Campo.



Figura 11 - MENINAS CONTEMPLANDO O PARQUE: EXEMPLO DE LIDERANÇA INFORMAL.

FONTE: A autora, 2010.

4.8 PERTENCIMENTO

O *pertencimento* como força atuante no espaço do Parque Cachoeira, foi percebido nas atitudes dos usuários que com alguns comportamentos transpareciam certo sentimento de propriedade sobre esse espaço público.

É confuso na literatura a diferenciação deste conceito com a o da *apropriação*, que de acordo com Codina⁷ (2007) é “sentimiento de poseer y gestionar un espacio, independientemente de su propiedad legal, por uso habitual o por identificación” (*apud* NUNES JUNIOR , AMARAL, 2009, p. 5). E Pol⁸ (1996, p.

⁷ CODINA, N. Entre el ocio, el turismo y el consumo. El tiempo y la apropiación Del tiempo. In MARTINEZ, J. R. (org.). *Perspectivas y retrospectivas de la Psicología Social en los albores del siglo XXI*. Madrid: Biblioteca Nueva, 2007 p. 205-214.

⁸ POL, E. La apropiación del espacio. In ÍÑIGUEZ, L. & POL, E. (coord.) *Apropiación, Cognición y Representación Ambiental*. Monografías PsicoSocioAmbientales. Barcelona: PUB, 1996, pp. 45-62.

45, *idem*) diz que “La apropiación del espacio – con toda su complejidad – aparece como uno de los núcleos centrales en La interacción entre el ser humano y su entorno físico”.

Dessa forma percebemos que pertencimento e apropriação estão muito próximos do ponto de vista conceitual, pois tratam da relação indivíduo – espaço. Porém compreendemos que o pertencimento manifesta-se no plano abstrato e subjetivo, enquanto um sentimento, que parte do sujeito frente a um determinado espaço.

Já a apropriação ocorre na interação física do sujeito com tal espaço, isto é, na materialização do sentimento de pertencimento. Com isto sempre irá ocorrer necessariamente de determinados modos, chamadas de formas de apropriação do espaço.

Um interessante exemplo de apropriação do Parque ocorreu na Academia da Terceira Idade recém inaugurada, numa tarde de dia de meio de semana percebi um homem aparentando aproximadamente 40 anos ajoelhado próximo dos aparelhos recobrando com massa epóxi os parafusos visíveis que fixavam no chão os aparelhos. Sua atitude individual chamava a atenção de todos que passavam ou utilizavam os aparelhos e ele se mostrava muito a vontade naquele espaço, visto pelas suas roupas (bermuda, camiseta e chinelo de dedo) e pelo modo como agia. Percebi a chegada de uma professora do ginásio que começou a conversar com o senhor, demonstrando que os dois já se conheciam e de fato aquele “serviço” era uma atitude autônoma. Ela perguntou o que ele estava fazendo e o motivo daquilo, a resposta demonstrou preocupação principalmente com a ferrugem que poderia ocorrer e com vândalos ou pessoas que quisessem “roubar” os parafusos ou aparelhos, para posterior venda.

Percebemos com essa cena o sentimento de pertencimento em ação na apropriação do espaço, no sentido de além de se apropriar dele tendo em vista o lazer ele foi apropriado também no sentido da gestão, da modificação do espaço visando sua melhoria.

Notamos esse sentimento também na fala de alguns usuários, segundo eles,

*“(Aqui no parque) você fica a vontade né. Você sai pela rua para andar aí, as pessoas fica (olhando), né? e o parque não, você fica a vontade, enfim, faz o que você quer né?”(N. masculino, 52 anos
“É bom, a gente se sente a vontade pra andar né...eu gosto de andar aqui.
(A. Feminina. 60 anos)”*

“Pergunta: E a senhora vem fim de semana passear também?”

Resposta: Nossa! Direto! É sábado, domingo, feriado...que eu não saio assim pra viajar eu fico o dia inteiro pra cá. Faço meu almoço e me mando pra cá. Ai só saio daqui 5 horas.. (A. feminina. 62 anos)”

Uma constante no Parque é o modo informal que os usuários se vestem, transparecendo o fato de “estarem à vontade no espaço”, que está relacionado ao sentimento de pertencimento. Além disso, é recorrente os usuários levarem objetos para fazer uso deles no parque, o mais comum são as bolas de futebol, vôlei e as raias nos dias de vento. Numa das observações pude visualizar que um grupo que parecia uma grande família havia levado também traves pequenas de futebol, confeccionadas com ripas de madeira, demonstrando assim outro exemplo do sentimento de pertencimento presente em certos usuários do Parque.

No interior do Parque há exemplos também de formas de apropriação que demonstram certo grau de pertencimento que beiram o individualismo, são elas as pichações, depredações, enfim todo o tipo de vandalismo, felizmente essa não é a regra geral do Parque que possui a maior parte de seus equipamentos e mobiliário conservados. O indivíduo que comete atos de vandalismo parece querer afirma-se como único dono do espaço e por isso agir com ele do modo que desejar.



Figura 12 - PICHações NA PONTE DA CACHOEIRA.

FONTE: A autora. 2010



Figura 13 - LIXEIRAS QUEIMADAS EM ATO DE VANDALISMO.

FONTE: A autora. 2010

Percebemos nas observações e em algumas entrevistas que nem todos os usuários do Parque possuem o sentimento de pertencimento para com esse espaço de Lazer, isto é não percebem que ele também lhes é pertencente do ponto de vista simbólico e legal, visto que é um espaço público e por isso com o direito de uso assegurado a todos os cidadãos. Um exemplo que tornou esse fato muito claro se deu num grupo de Ciganos que freqüentemente acampam no entorno do Parque,

porém foi observado que só utilizavam esse espaço para buscar água e lavar suas roupas num tanque presente no Parque.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: CONEXÕES DO COTIDIANO DA APROPRIAÇÃO

No decorrer da pesquisa por diversas vezes foi necessário voltar ao problema central a fim de não desviar-nos no objetivo principal deste estudo: as relações entre estrutura físico-espacial, cultura local e formas de apropriação do Parque Cachoeira. As reflexões iniciais nos deram base para perceber que na discussão acerca da apropriação do Parque Cachoeira é de fundamental importância refletir sobre a cidade, tendo em vista as diferenças de modos de vida e comportamento ocorridos no meio urbano.

Refletimos também sobre o lazer sabendo que ele é o principal mediador que liga os sujeitos ao Parque Cachoeira, e que pode ser um tempo e espaço de afirmação da atitude autônoma dos sujeitos, afirmando a cultura local como uma forma de recriar a cultura global.

Ao discorrermos sobre os Parques Urbanos percebemos que as origens desse espaço de lazer têm raízes profundas advindas inclusive das Artes, dos comportamentos sociais e do salubrismo presentes na Europa, os quais até hoje balizam o modo de ser dos Parques urbanos.

A origem histórica da cidade de Araucária inicialmente como cidade rural onde os imigrantes, na sua maioria européia, cultivavam suas lavouras e fabricavam aquilo que lhes era preciso, até ascensão industrial da década de 70, deram a cidade a característica de atrair migrantes para as fabricas e assim formar uma população multicultural.

Tendo como base essas considerações analisamos os pontos de conexão entre estrutura físico-espacial, cultura local e formas de apropriação e observamos que a partir das forças sociais se deriva a tendência da inércia social. Esta conecta esses três fenômenos que colocam em movimento o Parque Cachoeira, dando vida ao cotidiano deste local.

Percebemos então que a cultura global, das grandes massas adentra nos fatos cotidianos do Parque, isto é, na sua cultura local. Porém como esse caminho é de duplo sentido, a cultura local recria estes códigos macro e os tornam próprios do Parque Cachoeira, fazendo com que no cotidiano sejam socializados por seus usuários.

A estrutura física-espacial do Parque Cachoeira se conecta com a cultura local desse espaço no sentido de que apesar de conter elementos físicos comuns a

outros Parques como lago, pista de caminhada e vegetação, contem também elementos peculiares os quais remetem à história da Cidade e que lhe confere singularidade. São eles, o Museu Tingui – Cuera, a Casa do Artesanato, a aldeia da solidariedade, a Cachoeira, e até mesmo sua vegetação, que no Parque Cachoeira é em certo nível singular por ser composta principalmente por arvores da espécie *araucaria angustifolia*, símbolo da cidade.

Percebemos que a cultura local do Parque Cachoeira segue em consonância a tendência da cultura global dos Parques urbanos, porém não se limita a isso, esse espaço abre brechas para a manifestação da cultura local.

Nesse sentido as manifestações da cultura local no Parque Cachoeira se dão por meio da apropriação, que depende das forças sociais para ocorrer.

Com isso notamos que as forças sociais interferem diretamente nas formas de apropriação, que por sua vez interferem novamente nas forças sociais. Por exemplo, se o Parque Cachoeira não fosse um espaço que culturalmente que tem como uma das funções principais a físico-esportiva não teria sido instalada aí uma academia da Terceira Idade, isto é, a forma pela qual a população do entorno se apropriou deste espaço interferiu no modelo de equipamento que foi aí instalado, modificando a força social da estrutura.

Além disso. As forças sociais atuam simultaneamente, dessa forma um conjunto de forças predominante em determinada situação, vai originar uma forma de apropriação específica. Nesse sentido observamos por diversas vezes a cena de famílias passeando no Parque, nessa cena é possível observar de forma predominante duas forças das quais já discorreremos, a *liderança*, por parte de algum indivíduo daquela família, o qual teve a força de influenciar todo o grupo a estar no Parque naquele momento e não estar realizando qualquer outra atividade de lazer. E observamos ainda a força da *segurança*, sabendo que a necessidade desse sentimento é primordial para a permanência em qualquer espaço. Visto que os usuários utilizavam o Parque, como um verdadeiro “quintal de casa”, denotamos também a presença do sentimento de pertencimento.

Com essas considerações avaliamos que a correlação que ocorre entre estrutura físico-espacial, cultura local e formas de apropriação do Parque Cachoeira é a *influência mútua entre a estrutura físico-espacial, a cultura local e as formas de apropriação do Parque Cachoeira*, ressaltando que a *estrutura e a estética* são

forças predominantemente subordinadas à estrutura físico-espacial. Já a *segurança*, a *liderança*, o *pertencimento* e o *movimento* são forças dependentes da cultura local.



Figura 14 – REPRESENTAÇÃO DA INFLUÊNCIA MÚTUA ENTRE FORÇAS SOCIAIS E AS FORMAS DE APROPRIAÇÃO.

FONTE: A autora. 2010.

Apontamos a *Influência mútua* como eixo de ligação entre tais conceitos visto que, ao observar cada força descrita percebemos que além delas nunca aparecerem sozinhas, sempre estavam em diálogo com as formas de apropriação. Nesse sentido podemos citar como exemplo os jogos de futebol que aconteciam no campo, essa forma de apropriação influenciava na força do *movimento* do Parque, na qual muitas pessoas permaneciam observando esse jogo e com isso facilitando a apropriação de outros sujeitos.

Enfim, o Parque Cachoeira assim como outros espaços de lazer em Araucária tem na apropriação por parte de seus usuários muitas forças que vão além do estar por estar nesses locais.

A escolha dos cidadãos por estar num lugar e não em outro passa por inúmeros fatores os quais muitas vezes por fazer parte da cultura local, já estão tão enraizados que não são mais percebidos,.

Nesse estudo procurei desmembrar esses fatores, os quais compreendemos como forças sociais, e elucidar como se dá a dinâmica da apropriação no Parque Cachoeira. Dessa forma esperamos que as forças que impulsionam a apropriação e

que estejam dentro do raio de ação do Poder público, possam ser potencializadas e as forças que inibem a apropriação possam ser combatidas, visando sempre à melhora dos espaços públicos de lazer.

REFERÊNCIAS

ARAUCÁRIA, Prefeitura municipal. **Os Espaços de lazer em Araucária**. 2ª Ed. Araucária. 2002

ARAUCÁRIA, Prefeitura municipal. **Da madeira ao aço: A industrialização de Araucária**. 1ª Ed. Vol. 4 Araucária. 1999.

BAUMAN, Z.; MAY, TIM. **Aprendendo a pensar com a sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge. Zahar Editor, 2010.

BORJA, J. **La ciudad conquistada**. Madrid: Alianza. 2003.

DAOLIO J. **Educação física e o conceito de cultura**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004

DE DECCA, E. S. . E. P. Thompson: Tempo e lazer nas sociedades modernas. In: BRUHNS, H. T. (org). **Lazer e ciências sociais: Diálogos pertinentes**. São Paulo: Cronos. 2002.60-73

DUARTE, C. R. , COHEN, R. Acessibilidade como fator de construção do lugar. In: ORNSTEIN, S. W. ; ALMEIDA PRADO, A. R. de; LOPES, M. E. (orgs.). **Desenho Universal: Caminhos da acessibilidade no Brasil**. São Paulo: Annablume, 2010.

FERREIRA, A. B. de H. **Mini Aurélio**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2000.

FRANÇA, R.; RECHIA, S.. O estado do Paraná e seus espaços de lazer: Apropriação, desapropriação ou reapropriação? In: CAVICHIOILLI, Fernando Renato; MEZZADRI, F. M. ; SOUZA, D. L. **Esporte e Lazer: Subsídios para o desenvolvimento e a gestão de políticas Públicas**. 1ª ed. São Paulo: Fontoura. 1998. 61-74

GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. Terceira edição. São Paulo: Phorte Editora, 2005.

GASPAR, A. **Física: série brasil**. 1 ed. São Paulo: Ática, 2007.

JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

JESUS, R. . Os intervenientes da industrialização no universo do lazer: Uma análise do fenômeno à luz da história. **Coordenadas**. Itajaí – SC. v.2, n. 2, março/julh/novembro.2007. Disponível em: <http://www2.ifes.com.br/webifef/revista/>

LEIRO, A. C. R. Educação, lazer e cultura corporal. In: **Presente! Revista de educação**. Nº 53. Jun/ago 2006. p. 43 – 56.

LUCHIARI, M. T. D. P. A categoria Espaço na teoria social. In: **Temáticos**. Campinas v. 4, n. 7, p. 191-238, jan./jun. 1996.

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol. 17. Nº 49. Junho, 2002

MASCARENHAS, F. **Lazer como prática de liberdade**: uma proposta educativa para a juventude. Goiânia, UFG, 2003.

_____. Em busca do Ócio Perdido: Idealismo, Panacéia e Predição Histórica à Sobra do Lazer. In: PADILHA, V. (org.) **Dialética do Lazer**. S. Paulo: Cortez, 2006, p. 75 a 103

MACEDO, S.. S.; SAKATA, F. G.. **Parques urbanos no Brasil**. São Paulo: EDUSP; Imprensa Oficial do Estado, 2002.

MORAES, M. C. de. **Acessibilidade no Brasil: análise da NBR 9050**. 2007. 175 f. Dissertação (Arquitetura e Urbanismo) – UFSC; Florianópolis.

NUNES JUNIOR, P. C.; AMARAL, S. C. F. **Cotidiano e apropriação do espaço: notas sobre o Parque do Ibirapuera**. In: Anais do XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e III Congresso Internacional de Ciências do Esporte Salvador – Bahia – Brasil 20 a 25 de setembro de 2009

OLIVEIRA FILHO, A. E. **Levantamento dos atrativos culturais no Parque Cachoeira em Araucária**. 2005. 75 f. Projeto (Bacharelado em Turismo). Centro Universitário Campos de Andrade; Curitiba.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAUCÁRIA (a). Parque das Pontes. 2010. Disponível em: http://www.araucaria.pr.gov.br/index.php?ID_MATERIA=2742

PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAUCÁRIA (b). Guarda Municipal, 2010. Disponível em: http://www.araucaria.pr.gov.br/index.php?a=menu_municipais_guarda.php&

PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAUCÁRIA (c). História da Cidade. 2010. Disponível em: http://www.araucaria.pr.gov.br/index.php?a=template.php&ID_MATERIA=497&tit=História

RECHIA, S. **Parques públicos de Curitiba: a relação cidade-natureza nas experiências de lazer.** 2003. 199 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, Unicamp.

ROLNIK, R. **O que é cidade?** 2 ed. São Paulo : Brasiliense, 1989.

SANTOS, J. L. dos. **O que é cultura?** 14º ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SEGAWA, H. **Ao amor do público: jardins no Brasil.** São Paulo: Studio Nobel, 1996

SILVA, R. L.; RAPHAEL, M. L.; SANTOS, F. S. Carta internacional de educação para o lazer como ferramenta de intervenção pedagógica efetiva no campo do lazer. In: **Pensar a prática**, jan. – jun. 2006. p. 117 – 131.

TAMAKIL, T. Minha experiência sobre arquitetura. **Revista da Faculdade de Engenharia e Arquitetura e Tecnologia.** Vol.3 Nº 2 Dez. 2001.

VIEIRA DOS SANTOS, K. R.; RECHIA, S. ; TSCHOKE A. ; VIEIRA, F. G. L. As experiências no âmbito do lazer e o princípio da inércia: Uma analogia para pensar sobre os fatores que influenciam a apropriação dos espaços públicos. Movimento. 2010. (submetido)

APÊNDICE A – ENTREVISTA COM USUÁRIOS DO PARQUE CACHOEIRA

- 1 – Qual seu nome?**
- 2 – Qual a sua idade?**
- 3 – Você é daqui de Araucária?**
- 4 – A quanto tempo mora aqui?**
- 5 – Qual bairro você mora aqui em Araucária?**
- 6 – Como você geralmente vem até o Parque?**
- 7 – Com que frequência?**
- 8 – Geralmente, você vem acompanhado ou sozinho?**
- 9 – Aqui no Parque o você geralmente faz?**
- 10 – Quais equipamentos você mais usa?**
- 11 – Em sua opinião, quais são os pontos positivos do Parque Cachoeira?**
- 12 – E quais os negativos?**
- 13 – Quais outros espaços públicos de lazer em Araucária você frequenta?**

ANEXO A

PROTOCOLO DE OBSERVAÇÃO DOS ESPAÇOS E EQUIPAMENTOS DE ESPORTE E LAZER

Cidade: _____. Data: ___/___/___ (dia da semana).

Contato: **pessoa responsável pelas informações.** Função: **cargo ocupado pelo contato.**

ESPAÇO: **local da observação, ex: ginásio, parque, praça, quadra, etc.**

PERFIL

Caráter / Responsável: **público, privado, etc. / estado, município, comunidade, empresa, etc.**

Localização: **endereço completo (rua, nº, bairro, telefone, etc).**

Público que atende: **número aproximado de pessoas que utilizam este espaço.**

OBJETIVO

Finalidade: **para que foi construído.**

Específico Não – específico

Função Básica:

Trabalho Educação Formal Religiosa Viários Cívicos Domésticos

Gastronômicos Naturais Culturais Esportivas Recreativas Turismo

Sociais e associativas De expressão física e atlética

HISTÓRICO

Fundação: **data da fundação.**

Origem: **porque ou como foi construído.**

ACESSIBILIDADE

Espaço físico: permite cadeirantes ou outro tipo de deficiência.

Valor: **valor cobrado para utilização do espaço.**

85

Horário: **horário no qual o espaço é disponibilizado ao público (projetos/comunidade).**

Tempo: **dias em que o espaço é disponibilizado para uso do público.**

Diário Fim de semana Férias

DESCRIÇÃO

Área total: quanto mede (m², hectares, alqueires, etc) a área ocupada pelo espaço.

Equipamentos: descrição do espaço, descrição e enumeração dos equipamentos.

Materiais: se existem materiais (bolas, redes, jogos, corda, etc.) disponíveis.

Condições: quais as condições de uso do espaço e dos equipamentos

Limpeza Segurança Iluminação

Manutenção

Banheiros: se existem, ou não, banheiros no local, e qual as condições.

APROPRIAÇÃO

Projetos: se existem e quais são os projetos existentes no espaço (ongs, projetos sociais, escolinhas, recreação, etc.).

Faixa etária / Sexo: qual a faixa etária e o sexo que mais utiliza o espaço.

Outras formas de apropriação: maneiras não pré-determinadas de utilização do espaço e dos equipamentos

SUGESTÕES

Sugestões para melhorar as condições de uso do espaço e dos equipamentos

OBSERVAÇÕES

Informações relevantes que não foram contempladas no decorrer do protocolo

ANEXOS
IMAGENS DO PARQUE



VISTA
PANORÂMICA
DO PARQUE
CACHOEIRA.
Fonte: Arquivo
Archelau de
Almeida Torres,
s/d.



PEDALINHOS NO
PARQUE
CACHOEIRA.
Fonte: Arquivo
Archelau de
Almeida Torres,
s/d.



QUIOSQUE
PARA
CHURRASCOS
NO BOSQUE.
Fonte: A autora,
2010.



MUSEU TINGUI-
CUERA.

Fonte: A autora,
2010.



PARQUINHO DO
PARQUE
CACHOEIRA.

Fonte: A autora,
2010.



PONTE DE
LIGAÇÃO
PARQUINHO/
QUADRAS DE
CIMENTO.

Fonte: A autora,
2010.



PONTE DA
CACHOEIRA
Fonte: A autora,
2010.



PONTE DA
CACHOEIRA.
Fonte: A autora,
2010.



ENTRADA
PRINCIPAL DO
PARQUE.
Fonte: A autora,
2010.